UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

NIZE DA ROCHA SANTOS PARAGUASSU MARTINS

**A CONTABILIDADE DOS NOMES NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

SÃO PAULO
2010

NIZE DA ROCHA SANTOS PARAGUASSU MARTINS

**A CONTABILIDADE DOS NOMES NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de Doutor em
Linguística.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:
Semiótica e Linguística Geral

ORIENTADORA:
Profa. Dra. Ana Lúcia de Paula Müller

**SÃO PAULO
2010**

*Dedico este trabalho ao papai (em memória) e à mamãe,
responsáveis pela construção dos meus princípios e por
todo carinho, dedicação e plena confiança que sempre
dirigiram a mim.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me dá resistência, coragem e serenidade para viver.

Agradeço à minha orientadora, Ana Müller, por ter confiado e acreditado em mim, pela experiência compartilhada, pela sinceridade e amizade.

Agradeço à mamãe por nunca ter me forçado a estudar, pelas orações, apoio, confiança e amizade.

Agradeço ao Tadeu por ter cumprido o que prometeu à mamãe: “apoiar o término deste trabalho”. Agradeço também a ele por ter suportado o meu mau humor causado pelas angústias sentidas por quem pesquisa, por tolerar as minhas viagens, pelo carinho, dedicação, enfim, por ter priorizado os meus estudos durante esses quatro anos e meio. Tadeu, sem sua compreensão teria sido muito difícil chegar até aqui. Você foi incansável! MUITO OBRIGADA!!!

Agradeço ao Tadeu Filho a felicidade que seu sorriso desperta em mim.

Agradeço à Ina e ao Cunhado pela confiança e admiração.

Agradeço à Tice e ao Luís pela sinceridade e amizade.

Agradeço à Maninha e ao João pelos conselhos e incentivos constantes.

Aos meus sobrinhos Felipe, Juliana, Lara, Luciana, Luís Vítor, Beatriz, João Neto, Guilherme e Leandro, não necessariamente nessa ordem, pelos momentos de descontração, pelo carinho e amor dispensados à tia Nize, tia Nizoca, tia Nizinha... como carinhosamente eles gostam de me chamar.

Agradeço ao senhor Manuel e à dona Teresa, ao Flávio e Juliana, ao Arsênio e Brunna, ao Daniel e Yaponira, à Lia e à querida Serrate por toda a assistência dada, principalmente ao Tadeu, no período em que precisei me ausentar, proporcionando-me tranquilidade para estudar.

Agradeço ao Alcides e à Eliane pelos conselhos e pela ajuda inicial.

Agradeço igualmente aos professores Luciana Storto, Marcelo Modesto e Marcelo Ferreira, pela atenção dispensada e pelo conhecimento que me transmitiram.

Agradeço aos secretários do departamento de linguística Érica, Bem Hur e Robson, pela seriedade com que trabalham e, principalmente, pela paciência e carinho com que sempre me trataram.

Agradeço ao grupo de Semântica Formal pelos comentários e sugestões que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos Marcus Avelar, Lídia, Cléo, Luciana Sanches, Ana Paula, Roberlei, Luana, Danilo, Celi, Liu Ynping, Renata Suenaga e Marcela, não necessariamente nessa ordem, por diversas razões e, principalmente, pelo apoio, cuidado, carinho, confiança e sinceridade. Sem a ajuda de vocês teria sido muito difícil finalizar este trabalho!

À Valéria, minha amiga de infância, agradeço o companheirismo, todo incentivo e carinho.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

RESUMO

PARAGUASSU-MARTINS, Nize da Rocha Santos. *A contabilidade dos nomes no português brasileiro*. 2010. 142 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Esta tese investiga a denotação dos nomes comuns nas línguas naturais. De forma mais específica enfoca a denotação dos nomes comuns no português brasileiro (PB). O objetivo é investigar os mecanismos que licenciam contabilidade no PB. Primeiramente investiga-se a denotação dos nomes no PB frente à proposta de Borer (2005). A autora defende que interpretações contáveis são licenciadas estruturalmente, mas que interpretações massivas não, e, nesse sentido, interpretações massivas são *default*. Segundo Borer (2005), o plural, em línguas como o inglês, e os classificadores, em línguas como o chinês, são sintagmas de classificação que originam interpretações contáveis, cujo núcleo tem um valor aberto $\langle e \rangle_{div}$, onde DIV é um operador de divisão. A ausência desses sintagmas confere uma interpretação massiva aos nomes. Diferentemente da maioria das línguas germânicas e românicas que permitem a ocorrência do plural nu, mas não permitem a ocorrência do singular nu, no PB, o singular nu é extremamente produtivo. Assim, se Borer (2005) estiver certa, no PB os nomes são massivos, pois os nomes nessa língua podem ocorrer sem nenhuma estrutura que os divida, denotando uma massa amorfa, sem divisão. No entanto, a análise dos dados do PB mostra, contra as previsões de Borer (2005), que a denotação *default* dos nomes, independentemente de ser indeterminada para número, pode ser massiva ou contável e que tais nomes já vêm com essa denotação marcada do léxico. Em segundo lugar, investiga-se a denotação dos nomes lexicalmente contáveis em estruturas não marcadas para contabilidade. Como Rullmann e You (2003) defendem para o chinês, o PB é uma língua em que os nomes possuem número geral, isto é, não são singular nem plural, são neutros para número, como defendem Müller (2001) e Schmitt e Munn (1999, 2002) para o PB. Línguas que possuem número geral geralmente não possuem morfologia de número, entretanto, o PB é um exemplo de língua que possui número geral, classificação e morfologia de número. Em terceiro lugar, investiga-se a denotação dos nomes segundo a proposta de Rothstein (2007). A autora defende que interpretações contáveis são licenciadas por um mecanismo de contabilidade gramatical. Segundo Rothstein (2007), o singular em línguas como o inglês e os classificadores numéricos em línguas como o chinês são operações gramaticais que licenciam interpretações contáveis. Como o PB é uma língua que possui número geral, classificadores numéricos e morfologia de número, defende-se a tese de que nessa língua o que licencia contabilidade são as operações de número e de classificação.

PALAVRAS-CHAVE: Nomes comuns; Semântica; Contabilidade; Classificadores numéricos; Distinção contável-massivo.

ABSTRACT

PARAGUASSU-MARTINS, Nize da Rocha Santos. *Countability of nouns in brazilian portuguese*. 2010. 142 p. Thesis (Doctorate) – Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2010.

This thesis investigates common noun denotations in natural languages. To be more specific, it encompasses common noun denotations in Brazilian Portuguese (BP). Its objective is to investigate the mechanisms which licence countability in BP. Firstly, noun denotation in BP is investigated according to Borer's proposal (2005). The author argues that count interpretations are structurally licensed, while mass interpretations are not, thus in this sense, mass interpretations are default. According to Borer (2005), the plural morphology, in languages such as English, and the classifiers, in languages such as Chinese, are classifiers phrases which originate count interpretations with opened value nucleus $\langle e \rangle_{div}$, where DIV is a division operator. The absence of these classifiers phrases bestows mass interpretation to the nouns. Contrary to most Germanic and Romance languages which permit bare plurals, but do not permit bare singulars, in BP, the bare singular is extremely productive. Thus, if Borer (2005) is right, nouns are mass-denoting in BP since they can occur without any distinctive structure, denoted amorphous mass, undivided. However, data analysis in BP opposes the predictions of Borer (2005) that a default noun denotation, regardless of being indeterminate in number, can be a mass or count denotation, and that such nouns already have this lexical denotation. Secondly, lexical denotation of count nouns in unmarked structures is investigated for countability. As Rullman and Aili You (2003) defend Chinese, BP is a language in which nouns have general number, that is, they are neither singular nor plural, they are neutral for number, as defended by Müller (2001) and Schmitt e Munn (1999, 2002). Languages with general number do not have plural morphology, but BP is an example of a language that has general number, numeral classifier and plural morpheme. Thirdly, denotation of names according to Rothstein (2007) is investigated. The author argues that countable interpretations are licensed by a mechanism of grammatical countability. According to Rothstein (2007), singular morphology in languages such as English and numeral classifiers in languages such as Chinese are grammatical operations which licence count interpretations. Since BP is a language that has general number, numeral classifiers and plural morphology, the thesis that, in this language, number and classification operations licence countability is defended.

KEYWORDS: Common nouns; Semantic; Countability; Numeral classifiers; Distinction mass-count.

ABREVIATURAS

Asp	aspecto
ACC	acusativo
CL	classificador
Det	núcleo do sintagma de determinante
Mod	modificador
N	núcleo do sintagma nominal
Num	número
PL	plural
SCL	sintagma de classificação
SD	sintagma de determinante
SG	singular
SN	sintagma nominal
S#	sintagma de quantidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A DENOTAÇÃO <i>DEFAULT</i> DOS NOMES NO PB	23
1.2 A ESTRUTURA DOS NOMES NAS LÍNGUAS NATURAIS	28
1.3 A DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO NO CHINÊS	39
1.4 CRIANDO INDIVÍDUOS	42
1.5 Os SNs NO PB E A TEORIA DE BORER (2005)	47
1.7 RESUMO E CONCLUSÕES	53
2 A SEMÂNTICA E A PRAGMÁTICA DOS NOMES NUS E DO INDEFINIDO SINGULAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	55
2.1 NÚMERO GERAL	57
2.1.1 NOMES NEUTROS PARA NÚMERO	57
2.1.2 NOMES NUS NÃO SÃO AMBÍGUOS	60
2.1.3 NÚMERO GERAL, PLURAL E SINGULAR	65
2.1.4 MARCAÇÃO DE NÚMERO, NUMERAIS E CLASSIFICADORES	71
2.2 CONDIÇÕES DE VERDADE	77
2.3 ESCOPO	78
2.3.1 ESCOPO LARGO	78
2.4 ANÁFORA DISCURSIVA	83
2.5 IMPLICATURAS ESCALARES	86
2.5.1 NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA	96
2.6 RESUMO E CONCLUSÕES	100
3 A SEMÂNTICA DOS NOMES CONTÁVEIS NO PB	102
3.1 A DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO	104
3.2 A RAIZ DA DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO	109
3.3 O DOMÍNIO MASSIVO É UM DOMÍNIO ATÔMICO	112

3.4 EVIDÊNCIAS DE BARNER E SNEDEKER (2005)	114
3.5 UMA DIREÇÃO PARA EXPLICAR A SEMÂNTICA DOS NOMES CONTÁVEIS	116
3.6 ATOMICIDADE NATURAL	124
3.7 MANDARIN CHINESE	125
3.8 O PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	127
3.7 RESUMO E CONCLUSÕES	132
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	138

INTRODUÇÃO

Esta tese tem por objeto de investigação a denotação dos nomes comuns nas línguas naturais. De forma mais específica, enfoca os nomes comuns no português brasileiro (PB). O objetivo é investigar os mecanismos que licenciam contabilidade no português brasileiro.

A tese defendida é a de que os nomes comuns no PB apresentam uma denotação *default* indefinida para número, que para ser contabilizada necessita de classificação e de marcação de número cuja representação é sensível ao fato desses nomes serem contáveis ou massivos.

O termo ‘massivo’ foi empregado pela primeira vez por Jespersen (1924) ao classificar os nomes comuns do inglês em dois tipos: nomes objetos e nomes massivos. De nomes objetos, ele denominou os que transmitem uma ideia de coisa definida, com formato e limites precisos, como *ring* ‘anel’, *chair* ‘cadeira’, *car* ‘carro’ etc. De nomes massivos, ele denominou os que não transmitem ideia de coisa definida. Eles podem ser concretos, quando denotam substância, como *silver* ‘prata’, *quicksilver* ‘mercúrio’, *water* ‘água’, *butter* ‘manteiga’, *gas* ‘gás’ etc., ou abstratos, quando denotam situações, como *traffic* ‘tráfego’, *success* ‘sucesso’, *satisfaction* ‘satisfação’, *admiration* ‘admiração’, *justice* ‘justiça’, *safety* ‘segurança’ etc.¹

Bloomfield (1933), observando a classe de nomes-massivos de Jespersen (1924), classificou os nomes como *silver* ‘prata’, *quicksilver* ‘mercúrio’, *water* ‘água’,

¹ Nomes objetos, no original *thing-words*; nomes massivos, no original *mass-words*; nomes concretos, no original *material words*; nomes abstratos, no original *immaterial words*.

butter ‘manteiga’, *gas* ‘gás’ etc. de massivos, e os nomes como *success* ‘sucesso’, *satisfaction* ‘satisfação’, *admiration* ‘admiração’, *safety* ‘segurança’ etc. de abstratos. Em consequência, propôs que os nomes que transmitem ideia de coisa definida, os nomes objetos, fossem denominados de nomes delimitados, e que os nomes que não transmitem essa ideia, os nomes massivos e abstratos, fossem denominados de nomes não delimitados.²

O termo ‘contável’, por sua vez, segundo Lasersohn (2008), foi empregado pela primeira vez pela *American Council of Learned Societies* (1952), sendo popularizado por Gleason (1955). Entretanto, até então, foram empregados termos similares, tais como nomes objetos (JESPERSEN, 1924), nomes limitados (BLOOMFIELD, 1933) ou nomes individuais (WHORF, 1941/1956).³

Sob o ponto de vista semântico, o termo ‘massivo’ foi empregado para classificar os nomes que se referem às entidades de maneira vaga, sem deixar explícito como seus referentes são individualizados, e o termo ‘contável’, para classificar os nomes que se referem às entidades de forma discreta e bem determinada. Quine (1960) associou a maneira vaga dos nomes massivos de se referirem às entidades ao que ele denominou de *referência cumulativa*. Um nome possui referência cumulativa se da mesma forma com que ele se refere ao todo ele também se refere às partes. Por exemplo, se a sentença em (1) for proferida em uma situação em que há várias poças de água no chão, *water* ‘água’ pode se referir a cada uma das poças, assim como a todas as poças.⁴

² Nomes delimitados, no original *bounded nouns*; nomes não delimitados, no original *unbounded nouns*.

³ Nomes individuais, no original, *individual nouns*.

⁴ Reconhecemos que o fenômeno da referência cumulativa proposto por Quine (1960) pode ser entendido de duas maneiras: ontológica e linguisticamente. Entretanto, considerações de natureza ontológica, em princípio, serão consideradas irrelevantes, a menos que seus reflexos apareçam na linguagem (nas condições de verdade das sentenças, por exemplo).

- (1) *There is some water on the floor.* (BUNT, 1985, p. 16)
há alguma água no chão.
‘Há água no chão.’

Nessa perspectiva, o termo ‘massivo’ passou a ser empregado apenas para classificar os nomes que se referem cumulativamente a entidades físicas. Lasersohn (2008) explica que esse comportamento levou autores, como Payne e Huddleston (2002) e Laycock (2005), a substituírem o termo ‘massivo’ pelo termo ‘incontável’ como forma de não excluir da classificação os nomes que se referem cumulativamente a entidades abstratas.

Sob o ponto de vista sintático, os termos ‘contável’ e ‘massivo’ foram empregados para classificar dois tipos de nomes que sofrem restrições em relação aos ambientes sintáticos em que eles podem ocorrer. Em inglês, essas restrições são comumente citadas, como ilustradas em (2) e (4) e exemplificadas em (3) e (5), respectivamente:

(2) Restrições sintáticas de nomes contáveis (GLEASON, 1965)

- (i) Apresentam morfema de plural;
- (ii) Combinam-se com os determinantes indefinidos *a(n)* e *another*;
- (iii) Combinam-se diretamente com numerais cardinais;
- (iv) Combinam-se com os quantificadores plurais *many*, *several* e *few*.

- (3) a. *Sam doesn't like cats/*cat.*
Sam não gosta de gatos/gato.
- b. *Sam has a /another cat.*
Sam tem um/outro gato.

- c. *Sam* *has* *sixteen* *cats.*
 Sam *tem* *dezesesseis* *gatos.*
- d. *Sam* *has* *many/ several/few* *cats.*
 Sam *tem* *muitos/vários/poucos* *gatos.*
- Sam* *has* **much/*little/*a great deal of* *cat.*
 Sam *tem* *muito/pouco/uma grande quantidade de* *gato.*

(4) Restrições sintáticas de nomes massivos (GLEASON, 1965)

- (i) Não apresentam morfema de plural;
- (ii) Não se combinam com os determinantes indefinidos *a(n)* e *another*;
- (iii) Necessitam de classificadores para se combinarem com numerais cardinais;
- (iv) Combinam-se com os quantificadores *little*, *much* e *a great deal of*.

- (5) a. *Sam* *doesn't* *like* *wine/*wines.*
 Sam *não* *gosta de* *vinho/*vinhos.*
- b. *My* *house* *contains* **a/another furniture.*
 Minha *casa* *contém* *uma/outra mobília.*
- c. *Sam* *bought* *two* *bottles of water/* waters.*
 Sam *comprou* *duas* *garrafas de água/*águas.*
- d. *My* *house* *contains* *much/little/a great deal of furniture.*
 Minha *casa* *contém* *muita/pouca/uma grande quantidade de mobília.*
- My* *house* *contains* **many/ several/few furnitures.*
 Minha *casa* *contém* *muitas/várias/poucas mobílias.*

Pelletier (1979) observou que quase todos os nomes contáveis podem ser usados como massivos com uma leitura de 'material de...', como ilustra o exemplo (6):

- (6) *Don't put so much apple in the salad* (PELLETIER, 1979)
Não ponha muita maçã na salada.

Em (6), o nome 'maçã' é considerado massivo porque corresponde a uma massa de maçã que representa o material do qual a salada é feita.

Segundo o autor, esse tipo de leitura só é possível devido à existência de uma máquina hipotética, denominada de "Triturador Universal", capaz de moer qualquer objeto e transformá-lo numa massa homogênea: ela transforma 'um bife' em 'bife', 'uma maçã' em 'maçã', 'um livro' em 'livro' etc. Isso quer dizer que, para qualquer nome contável que se refira a um objeto concreto, pode-se imaginar um contexto no qual seja apropriado usá-lo como massivo.⁵

Inversamente, Bunt (1985) defende que a maioria dos nomes massivos pode ser usada como nomes contáveis com a leitura de 'tipo de...'. Por exemplo, o nome 'vinho' aparece como nome contável em (7):

- (7) *Hungary produces many excellent wines.* (BUNT, 1985, p. 10)
Hungria produz muitos excelentes vinhos.
'A Hungria produz muitos (tipos de) vinhos excelentes.'

Em (7), o que está sendo considerado são tipos de vinho e não a substância vinho, propriamente. Esse tipo de leitura que os nomes massivos possuem, quando interpretados como contáveis, é denominado de leitura taxonômica.

De acordo com Bunt (1985), esse tipo de leitura só é possível devido à existência de uma máquina imaginária, denominada de "Classificador Universal", capaz de classificar em diversos tipos qualquer substância. O poder de classificação

⁵ Nesse caso, em semântica, a expressão 'máquina' é empregada metaforicamente.

dessa máquina indica, em princípio, que qualquer nome massivo pode ser usado como contável.

Esse fenômeno, na maioria das vezes, foi atribuído apenas a nomes massivos concretos, mas, segundo Bunt (1985), ele pode ser também atribuído a nomes abstratos. No PB, podemos observar esse fato nas sentenças em (8). Em (8a), o nome abstrato ‘dor’ é massivo, enquanto que em (8b) ele é contável, pois é interpretado como ‘um tipo de dor’:

- (8) a. Nunca tive dor de cabeça.
b. Ontem eu senti uma dor de cabeça como nunca tinha sentido.

Esse fato dos nomes ora se comportarem como massivos, ora se comportarem como contáveis levou Bunt (1985) a considerar a distinção contável-massivo como uma distinção contextual, operada não entre nomes, mas entre sintagmas nominais, sendo determinada pelos quantificadores e determinantes que acompanham os nomes. Assim, nessa perspectiva, os sintagmas nominais são classificados como contáveis ou massivos e não os nomes.⁶

Para Joosten (2002), a distinção contável-massivo não deve ser entendida como um fenômeno de caráter unidimensional, reduzido exclusivamente a questões semânticas, sintáticas ou contextuais. Segundo o autor, todas essas perspectivas apresentam problemas. A abordagem semântica não explica por que os nomes podem ser contáveis em uma língua e massivos em outra. Em inglês, *chalk* ‘giz’ é massivo, mas em hebreu *giyr* é contável. E tampouco por que nomes abstratos também podem ser classificados em contáveis ou massivos. Em inglês *crisis* ‘crise’ é

⁶ Por SN, entende-se qualquer sintagma que tenha por núcleo um nome. Se esse nome-núcleo for nu, ele será representado por SN; se apresentar um determinante, a representação será SD.

contável e *sadness* ‘tristeza’ é massivo. A abordagem sintática não explica os casos em que nomes contáveis são empregados como massivos (PELLETIER, 1979), assim como os casos em que nomes massivos são empregados como contáveis (BUNT, 1985). A abordagem contextual não explica por que a maioria dos nomes obviamente favorece um tipo de contexto em detrimento de outro. Desse modo, Joosten (2002) defende que a distinção contável-massivo deve ser entendida como um fenômeno de caráter multidimensional que envolve contabilidade, grau de lexicalização, conceitualização e arbitrariedade.

Paraguassu (2005), levando em consideração os dados do PB, observa que os trabalhos sobre a distinção contável-massivo envolvem duas noções importantes: a noção de referência e a de contabilidade.

A noção de referência está relacionada com o fato de um nome denotar ou não átomos naturais, isto é, se sua denotação possui ou não unidade de medida individual. Em (9), ‘anel’ possui unidade de medida individual. Em (10), a unidade de medida de ‘ouro’ é dada pelo contexto. Em (9), o falante sabe o que contar como uma unidade de anel, mas em (10) ele precisa do contexto para determinar o que contar como uma unidade de ouro.⁷

(9) João comprou um anel.

(10) João comprou um(a) (barra, pepita, quilo de...) ouro.

A noção de contabilidade, por sua vez, está relacionada às operações capazes de mostrar se o sintagma nominal é ou não definido para número. Em (11), o sintagma nominal é marcado para contabilidade porque implica logicamente que João

⁷ A noção de átomo natural será detalhada no capítulo 3.

tem pelo menos dois filhos, ou seja, a estrutura do sintagma nominal nos diz que a denotação é definida para número. Por outro lado, em (12), o sintagma nominal não é marcado para contabilidade, porque possui uma interpretação indefinida para número.

(11) João tem dois filhos.

(12) Na salada tem maçã.

Investigada exaustivamente no inglês, a distinção contável-massivo trata as noções de referência e contabilidade como coincidentes, dado que nessa língua elas realmente coincidem. Em inglês, nomes que denotam átomos naturais são sempre marcados para contabilidade, isto é, apresentam marcas de número, singular ou plural, como ilustrado em (13), e nomes sem referência atômica natural são sempre não marcados para contabilidade, ou seja, sem qualquer marca de número, como ilustrado em (14):

(13) *John bought *book/a book/books.*
John comprou livro/um livro/livros.

(14) *John bought water/*a water/*waters.*
John comprou água/uma água/águas.

Entretanto, Paraguassu (2005) conclui que essas noções nem sempre são coincidentes, devendo por isso serem investigadas separadamente. Com base nos dados do PB e do chinês, a autora observa que nomes com átomos naturais em suas referências podem ocorrer tanto em sintagmas marcados para contabilidade quanto em sintagmas não marcados, como ilustram os exemplos em (15) para o PB e em

(16) para o chinês. Em (15a) e em (16a), os sintagmas nominais ‘dois livros’ e *san ben shu* ‘três livro’ são marcados para contabilidade, porque são definidos para número e significam ‘pelo menos três livros’. Em (15b) e em (16b), os sintagmas nominais ‘livro’ e *shu* ‘livro’ não são marcados para contabilidade porque são indefinidos para número.⁸

- (15) a. João comprou três livros ontem.
b. João comprou livro ontem.

- (16) a. *Liu mai le san ben shu.* chinês
Liu comprar Asp. três CL livro(s).
‘Liu comprou três livro(s).’
- b. *Liu mai le shu.* chinês
Liu comprar Asp. livro(s).
‘Liu comprou livro(s).’

Rothstein (2007), por sua vez, observando que existem nomes como *fence* ‘cerca’ que não denotam átomos naturais e são contáveis, e nomes como *furniture* ‘móvel’ que denotam átomos naturais e são massivos, propõe que a noção de referência não é um critério seguro para se estabelecer a distinção entre nomes contáveis e massivos. Segundo a autora, o critério mais seguro para se estabelecer tal distinção é o da contabilidade, assumindo, portanto, que a distinção contável-massivo é uma distinção gramatical entre nomes que podem ser explicitamente contados por meio de um modificador numeral, como *girl* ‘garota’, em (17), e nomes que não podem, como *mud* ‘lama’, em (18). Nomes como *mud* só podem ser

⁸ A interpretação do numeral ‘dois’ é ambígua. Ele pode ser interpretado como ‘exatamente dois’ ou ‘pelo menos dois’. Aqui estamos assumindo a leitura de ‘apenas dois’. A esse respeito ver Silva (2007).

contabilizados se acompanhados de um classificador numérico, como mostram os exemplos em (18b) e (18c).

(17) *three girls*

‘três garotas’

(18) a. **three muds*

‘três lamas’

b. *three kilos of mud*

‘três quilos de lama’

c. *three buckets of mud*

‘três baldes de lama’

Desse modo, com base no exposto anteriormente, as questões que surgem são:

(i) Qual a denotação *default* dos nomes comuns no PB?

(ii) Quais as propriedades semânticas e pragmáticas dos nomes nus no PB?

(iii) Como se configura a semântica dos nomes contáveis no PB?

As hipóteses formuladas serão checadas por meio de dados da intuição e o paradigma utilizado será o da Semântica Formal.

A Semântica Formal investiga o significado das sentenças levando em consideração o significado de suas partes e sua estrutura sintática. Para esse paradigma, saber o significado de uma sentença é saber suas condições de verdade, ou seja, o falante sabe o significado de uma sentença se ele sabe quais as condições que fazem essa sentença ser verdadeira. Não importa que ele saiba se a sentença é

verdadeira ou falsa, mas que ele saiba quais as condições que fazem a sentença verdadeira (OLIVEIRA, 2001).

No que diz respeito aos nomes comuns, a Semântica Formal analisa as denotações como funções de números possíveis a conjuntos de indivíduos. Nesta tese, iremos nos ater a uma descrição extensional das denotações nominais. Não faremos uso de denotações intencionais, isto é, não trabalharemos com funções que tornam mundos possíveis como argumentos.⁹

Estudar a contabilidade dos nomes é importante para a teoria linguística porque trata de questões relacionadas a denotação dos nomes, ou seja, enfrenta a questão de quais são as denotações possíveis para os nomes nas línguas naturais. Além disso, uma melhor compreensão desse assunto poderá contribuir para a investigação de supostos universais semânticos.

A fim de responder tais questões, esta tese está organizada como segue:

No capítulo 1, será investigada a denotação dos nomes nas línguas naturais. O objetivo é identificar qual é a denotação *default* dos nomes no PB no sentido proposto por Borer (2005). Esse capítulo está organizado em 6 seções. Nas seções de 1 a 4 a proposta de Borer (2005) será apresentada. Para explicar a distinção contável-massivo no sistema nominal, Borer (2005) assume uma abordagem funcionalista em que a distinção contável-massivo é dada exclusivamente pela estrutura. Desse modo, a autora defende que interpretações contáveis são licenciadas estruturalmente, mas que interpretações massivas não, e, nesse sentido, interpretações massivas são *default*. Segundo Borer (2005), o plural, em línguas como o inglês, e os classificadores, em línguas como o chinês, são sintagmas de classificação que originam interpretações contáveis. A ausência desses sintagmas de classificação

⁹ Mais detalhes sobre a diferença entre denotações extensionais e intensionais, ver Chierchia (2003).

confere uma interpretação massiva aos nomes. Na seção 5, os dados do PB serão analisados. No PB, diferentemente da maioria das línguas germânicas e românicas, o sintagma nominal neutro para número é extremamente produtivo, assim, se Borer (2005) estiver certa, no PB os nomes são massivos. Entretanto, defendemos que a denotação *default* dos nomes pode ser massiva ou contável e que tais nomes já vêm com essa denotação marcada do léxico. Além disso, será mostrado que independentemente da denotação *default* dos nomes no PB ser massiva ou contável, em relação à contabilidade, ela será sempre indeterminada para número, como defendem os autores Müller (2001) e Schmitt e Munn (2002). Finalmente, na seção 6, o resumo e as conclusões.

No capítulo 2 será investigada a denotação dos nomes nus no PB, mais especificamente a do nome nu não marcado para contabilidade. O objetivo é identificar as propriedades semânticas e pragmáticas desses nomes. Esse capítulo está organizado em cinco seções em que paralelamente a cada seção os dados do PB serão analisados. Na seção 1, será apresentada a discussão de Rullmann e You (2003) sobre a noção de número geral. Na seção 2, as condições de verdade de sentenças com número geral e sintagmas de determinantes (SD) indefinidos serão analisadas. Na seção 3, será investigado o comportamento de sentenças com número geral com relação ao escopo. Na seção 4, buscar-se-á identificar o tipo de anáfora que essas sentenças pegam. Na seção 5, discute-se as diferenças pragmáticas entre elas. Finalmente na seção 6, serão apresentados o resumo e as conclusões.

No capítulo 3 será investigado como se configura a semântica dos nomes contáveis no PB. O objetivo é mostrar como se configura a semântica dos nomes que podem ser explicitamente contados por meio de um modificador numeral. Esse capítulo está organizado em 9 seções. Nas seções de 1 a 7, será apresentada a teoria

de Rothstein (2007) sobre a semântica dos nomes contáveis. Rothstein (2007), assumindo que os nomes em sua raiz denotam um conjunto de átomos e pluralidades, defende que os nomes contáveis denotam um conjunto de átomos de medida, resultado de uma operação gramatical e que nomes massivos denotam o mesmo que a raiz nominal. Segundo a autora, o singular, em línguas como o inglês, e os classificadores, em línguas como o chinês, são operações gramaticais que licenciam interpretações contáveis. Na seção 8, os dados do PB serão analisados. No PB, assim como no chinês, os nomes não são marcados para contabilidade. Segundo Rothstein (2007), em línguas desse tipo, são os classificadores que licenciam interpretações contáveis. Se a autora estiver certa, os nomes no PB devem licenciar interpretações contáveis por meio de classificadores. No entanto, defendemos que o que licencia contabilidade no PB são as operações de número e classificação. Na seção 9, o resumo e as conclusões.

1 A DENOTAÇÃO *DEFAULT* DOS NOMES NO PB

Frequentemente se tem defendido que línguas que não possuem sistema de classificação apresentam distinção contável-massivo e que línguas que possuem esse sistema apresentam apenas nomes massivos (CHIERCHIA, 1998a; GIL, 1987; dentre outros).

Chierchia (1998a), por exemplo, defende que línguas como o chinês possuem apenas nomes massivos porque não possuem número singular vs. plural, e que línguas como o inglês possuem nomes contáveis e massivos porque possuem número. Para Borer (2005), essa explicação não convence, pois segue apenas em uma direção. Para a autora, enquanto Chierchia (1998a) explica a ausência de número em línguas como o chinês, ele deixa seu sistema inteiramente silencioso sobre a ausência de classificadores em línguas que fazem a marcação de número, como o inglês. Borer (2005) argumenta que o sistema de Chierchia (1998a) só seria convincente se respondesse por que, em línguas como o inglês, classificadores podem ser pluralizados e em línguas como o chinês, classificadores não podem ser pluralizados.

Como o sistema de Chierchia (1998a) não responde a essa questão, Borer (2005) propõe um novo sistema em que os nomes são todos massivos e cuja característica marcante é o fato de classificadores e plurais realizarem a mesma função, a de tornar os nomes contáveis, estando apenas em distribuição complementar. Como evidência, Borer (2005) considera o seguinte paradigma do armênio:

(19) a. Cardinal, ausência de classificador e ausência de plural

yergu *hovanoc* *uni-m* (BORER, 2005, p. 9)
 dois guarda-chuva ter-1SG
 ‘Eu tenho dois guarda-chuvas’

b. Cardinal, classificador e ausência de plural

yergu *had* *hovanoc* *uni-m* (BORER, 2005, p. 9)
 dois CL guarda-chuva ter-1SG
 ‘Eu tenho dois guarda-chuvas’

c. Cardinal, ausência de classificador e plural

yergu *hovanoc-ner* *uni-m* (BORER, 2005, p. 9)
 dois guarda-chuva-PL ter-1SG
 ‘Eu tenho dois guarda-chuvas’

d. Cardinal, classificador, plural

**yergu* *had* *hovanoc-ner* *uni-m* (BORER, 2005, p. 9)
 dois CL guarda-chuva-PL ter-1SG
 ‘Eu tenho dois guarda-chuvas’

Para Borer (2005), o interessante é que, enquanto a morfologia de plural e os classificadores podem ocorrer no armênio, ambos nunca coocorrem, mesmo não estando em competição morfofonológica, pois o classificador é pré-nominal e independente, e o plural é um sufixo.

O comportamento dos dados do armênio está de acordo com o universal proposto por T’sou (1976), de que as línguas naturais ou têm classificadores ou morfemas de plural e se uma língua tem ambos os tipos de morfemas, então, seu uso está em distribuição complementar.

Nesse contexto, o objetivo deste capítulo é responder às seguintes questões:

- (i) No PB, os nomes são todos massivos como prevê Borer (2005) para as línguas naturais?
- (ii) Se (i) não for o caso, qual é a denotação *default* dos nomes no PB?

As hipóteses defendidas para o PB são:

- (i) Nem todos os nomes apresentam denotação massiva *default*;
- (ii) A denotação *default* dos nomes no PB é indeterminada para número (cf. MÜLLER, 2001; SCHMITT; MUNN, 2002);
- (iii) A denotação dos nomes no PB é não classificada;
- (iv) Classificação, divisão, pluralização, singularização e atribuição de quantidade são operações separadas.

Na seção 1, será apresentada a abordagem com que Borer (2005) trabalha a distinção contável-massivo no sistema nominal. Na seção 2, será apresentada a estrutura proposta por Borer (2005) para explicar a denotação dos nomes. Na seção 3, serão apontadas as evidências de Borer (2005) que mostram que a distinção contável-massivo no chinês não é lexical. Na seção 4, serão apontados os argumentos de Borer (2005) que fundamentam a hipótese de que o plural no inglês é uma função de divisão. Na seção 5, será realizada a análise dos dados do PB a partir do modelo de denotação nominal proposto por Borer (2005). Finalmente, na seção 6, o resumo e as conclusões.

1.1 A DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO

Esta seção apresenta os argumentos de Borer (2005) que mostram que a distinção contável-massivo no sistema nominal é uma distinção gramatical e não lexical.

Para Borer (2005), a principal propriedade da distinção contável-massivo é sua flexibilidade com respeito aos nomes encaixados no sintagma nominal relevante, isto é, um mesmo nome pode ser contável ou massivo dependendo do sintagma nominal em que está inserido. A autora nota que em (20) os SNs são contáveis, mas seu núcleo em (20a) é massivo e em (20b) é contável; e que em (21) os SNs são massivos, mas seu núcleo é contável em (21a) e massivo em (21b).

(20) a. *a wine* (BORER, 2005, p. 15)

‘um vinho’

b. *a stone*

‘uma pedra’

(21) a. *there is dog on this floor* (BORER, 2005, p. 15)

‘há cachorro no chão’

b. *there is wine on this floor* (BORER, 2005, p. 15)

‘há vinho no chão’

Desse modo, Chierchia (1998a) e Borer (2005) defendem que a raiz da distinção contável-massivo, uma vez que é dada pela estrutura, é gramatical e não ontológica.

Borer (2005) defende que a gramática projeta apenas uma estrutura funcional, gerando nomes massivos ou contáveis, sendo que uma dessas estruturas está associada à raiz nominal, que na ausência de estrutura funcional é *default*. Essas estruturas estão encaixadas uma com a outra, com a estrutura subordinante agindo sobre a subordinada, originando a interpretação requerida. Dentro dessa representação, toda interpretação contável ou massiva da raiz nominal em contextos gramaticalmente indeterminados é reflexo do conhecimento saliente de mundo, que é gramaticalmente inerte.

Nesse sentido, se na ausência de uma estrutura relevante os nomes têm uma interpretação *default*, espera-se, então, uma assimetria: a interpretação *default* será associada com a interpretação não *default*. Mas qual é a interpretação *default* e qual é a interpretação não *default*?

Para responder a essa pergunta, Borer (2005) recorre aos dados do chinês. A autora defende a necessidade de uma projeção de classificadores para licenciar contabilidade em contextos de interpretação massiva, o que irá confirmar a hipótese de que, na ausência de classificadores, os nomes em chinês são sempre interpretados como massivos. Esse comportamento é uma evidência direta de que interpretações contáveis devem ser licenciadas estruturalmente, mas que interpretações massivas não. Assim, Borer (2005) explica que, se de fato essa característica é universal, então, em inglês, as interpretações contáveis não estão associadas à ausência de estrutura. Pelo contrário, em inglês, a parte bem definida da estrutura significa contabilidade enquanto que a sua ausência significa massividade.

Desse modo, Borer (2005) defende que a denotação *default* dos nomes nas línguas naturais é massiva e que, ao serem colocados em uma estrutura, lhes são atribuídas propriedades gramaticais.

1.2 A ESTRUTURA DOS NOMES NAS LÍNGUAS NATURAIS

Esta seção apresenta a estrutura proposta por Borer (2005) para explicar a denotação dos nomes. O objetivo é identificar os tipos de denotações possíveis dos nomes nas línguas naturais que resultam da inserção dos nomes na estrutura sintática.

Borer (2005) propõe a estrutura em (22) para o sintagma de determinante SD nas línguas naturais, que é capaz de atribuir três propriedades gramaticais: quantidade, classificação e contabilidade. Na ausência de tais propriedades, a matéria permanece uniforme.¹⁰

(22)

Fonte: Paraguassu-Martins e Müller (2007).

¹⁰ A estrutura em (22), proposta por Borer (2005), não leva em consideração os adjuntos e os argumentos do núcleo nominal.

Em (22), o sintagma de classificação (SCL) é responsável pela divisão da denotação massiva, tornando-a contável. Seu núcleo $\langle e \rangle_{div}$ divide a denotação nominal em partes variadas (indivíduos, metades, pedaços etc.) e o SpecCL especifica a divisão (ou em indivíduos, ou em metades ou em pedaços etc.). São SCLs os classificadores, em línguas classificadoras, e o plural, em línguas não classificadoras.

Em inglês, o plural é o Spec do SCL, ele pressupõe a existência de um conjunto contendo porções e indivíduos. Em (23a), não se sabe a quantidade de maçãs que Kim comeu. A interpretação do plural nu *apples* ‘maçãs’ pode ser a de que Kim tenha comido porções de maçã, maçãs individuais ou ambas, interpretação similar à interpretação do massivo nu *meat* ‘carne’, em (23b).¹¹

- (23) a. *Kim ate apples this afternoon.* (BORER, 2005, p. 31)
 Kim comeu maçãs esta tarde.
 ‘Kim comeu maçãs esta tarde.’

- b. *Kim ate meat this afternoon.* (BORER, 2005, p. 32)
 Kim comeu carne esta tarde.
 ‘Kim comeu carne esta tarde.’

Em chinês, os classificadores são Spec do SCL, sem eles os nomes não podem ocorrer com numerais cardinais, como ilustra o contraste de gramaticalidade em (24):

¹¹ Para mais detalhes sobre essa discussão, ver seção 4.

- (24) a. **san bi* (BORER, 2005, p. 12)
 três caneta
 'três caneta'
- b. *san zhi bi*
 três CL caneta
 'três canetas'

Tal comportamento do plural, no inglês, e dos classificadores, no chinês, leva a autora a defender que o núcleo $\langle e \rangle_{div}$ é uma operação que fornece divisões sobre denotações massivas e não unidades, e que o plural e os classificadores a especificam.

Em (25), o plural *potatoes* 'batatas' é *spellout* do traço abstrato de núcleo $\langle e \rangle_{div}$ sobre o movimento da raiz nominal, que atribui uma divisão arbitrária à denotação do nome. Em (26), o classificador *ge* é um morfema independente que seleciona da denotação do nome porções bem definidas. A ausência de SCL confere uma interpretação massiva aos nomes.

- (25) inglês

Fonte: Borer (2005).

(26)

chinês

Fonte: Borer (2005).

O sintagma de quantidade (S#) é responsável pela atribuição de quantidade a denotações massivas ou contáveis e por isso é possível ter S# sem ter SCL. O núcleo $\langle e \rangle_{\#}$ agrupa as denotações em quantidades (em um, em dois, em muito(s) etc.) e o Spec# especifica as quantidades (ou em um, ou em dois, ou em muito(s) etc.). São S# os cardinais e quantificadores.

Por exemplo, em (27) e (28), os núcleos *ren/cat* 'gato' são nomes massivos que denotam a matéria-prima gato. O núcleo $\langle e \rangle_{div}$ determina divisões na denotação desse nome (gatos inteiros, gatos pela metade, pedaços de gato etc.). O Spec $\langle e \rangle_{div}$ especifica as divisões em gatos inteiros. O núcleo $\langle e \rangle_{\#}$ agrupa as divisões em várias quantidades. O Spec $\langle e \rangle_{\#}$ especifica as quantidades em três.

(27) *three cats* 'três gatos'

inglês

Fonte: Borer (2005).

(28) *san ge ren* 'três CL gato'

chinês

Fonte: Borer (2005).

Os quantificadores operam sobre denotações contáveis e massivas. Os numerais cardinais, diferentemente, operam apenas sobre denotações contáveis. Em outras palavras, na ausência de SCL, os quantificadores operam sobre denotações massivas e, na presença, os quantificadores e cardinais operam sobre denotações

contáveis. A estrutura em (29) representa o S# operando sobre uma denotação massiva, e a estrutura em (30) representa o S# operando sobre uma denotação contável.

(29) *shenme ren/much cat* 'muito gato'

chinês/inglês

Fonte: Borer (2005).

(30) *three/many cats* 'três/muitos gatos'

inglês

Fonte: Borer (2005).

S#, assim como SCL, pode não aparecer na estrutura. A ausência do S# confere uma interpretação não especificada para quantidade. É a ausência de S# que torna a denotação comum entre plurais e nomes massivos.

Com relação à interpretação singular, em línguas não classificadoras, como o inglês, é mediada pelo artigo indefinido singular *a* ‘um/uma’ ou pelo numeral cardinal *one* ‘um’, que funcionam como classificadores e atribuidores de quantidade. O artigo indefinido *a*, bem como o cardinal *one* operam simultaneamente a divisão e a atribuição de quantidade, fundindo os núcleos como segue: $\langle e \rangle_{\#(div)}$, $\langle e \rangle_{div(\#)}$, o primeiro projetando SCL, e o segundo projetando S#.

Segundo Borer (2005), *every* ‘todos’ e *each* ‘cada’, da mesma maneira que o indefinido singular *a* e o cardinal *one*, são capazes de fundir as operações de divisão e atribuição de quantidade, pois são quantificadores que pegam uma restrição singular e retornam uma interpretação que é compatível com o plural.

A autora explica que, em inglês, somente o cardinal *one* ‘um’ e os quantificadores *every* e *each* possuem a função de divisão e atribuição de quantidade, os demais cardinais e quantificadores são apenas atribuidores de quantidade e nunca divisores. Assim, a agramaticalidade das expressões em (31) deve-se ao fato de que os cardinais e os quantificadores *two* ‘dois’, *several* ‘vários’, *many* ‘muitos’, *a few* ‘poucos’ e *both* ‘ambos’ são atribuidores de quantidade que requerem plural como restrição, e as raízes nominais *meat* ‘carne’ e *boy* ‘menino’ são massivas.

- (31) a. *two meat/boy (BORER, 2005, p. 24)
 ‘dois/duas carne/menino’
- b. *several meat/boy
 ‘vários(as) carne/menino’
- c. *many meat/boy
 ‘muitos(as) carne/menino’
- d. *a few meat/boy
 ‘poucos(as) carne/menino’
- e. *both meat/boy
 ‘ambos(as) carne/menino’

Em (32) são representadas as estruturas propostas por Borer (2005) para os quantificadores singulares e plurais, bem como para o artigo indefinido a ‘um’ e o cardinal *one* ‘um’:

- (32) a. Quantificadores singulares (*output every boy* ‘cada menino’, *each meat* ‘cada carne’):
 [SD [S# every/each <e>#(div) [SCL ~~every/each~~ <e>div(#[) [SN ~~meat/boy~~]]]]
- b. Quantificadores plurais e cardinais, exceto *one* ‘um’ (*output three boys* ‘três meninos’, *several meats* ‘várias carnes’):
 [SD [S# three/several<e># [SCI boy/meat.<div><e>div [SN ~~boy/meat~~]]]]
- c. Artigo indefinido a ‘um’ e cardinal *one* (*output: a boy* ‘um menino’, *one meat* ‘uma carne’):
 [SD [S# one/a <e>#(div) [SCL ~~one/a~~<e>div(#[) [SN boy/meat]]]]

Conforme Borer (2005), a função de divisão não é exclusiva dos quantificadores universais. Como já é bem conhecido, nem toda quantificação universal requer uma restrição singular. Se a restrição não tem nenhuma propriedade de divisão, espera-se que ela se comporte apenas como *zero*. Assim, como a restrição massiva não tem nenhuma propriedade de divisão, ela não exige marcação, como em (33a), mas como a restrição contável só surge na presença exclusiva de um divisor aberto, ela exige marcação, como mostra o contraste de gramaticalidade entre (33b) e (33c). Segundo a autora, essas previsões se confirmam em inglês pelo comportamento do quantificador universal *all* ‘todo(s)’, ‘toda(s)’:

- (33) a. *all meat* (BORER, 2005, p. 28)
 ‘toda carne’
- b. *all boys*
 ‘todos os meninos’
- c. **all boy* (leitura singular para *boy*)
 ‘todo menino’

Borer (2005) explica que os cardinais podem apresentar função de contagem e função divisora. Em húngaro, os numerais cardinais funcionam não só como contadores, mas também como divisores, dado que a flexão de plural nunca coocorre com os cardinais ou quantificadores, como ilustram os exemplos em (34):

(34) a. *a kalap (-ot)* (BORER, 2005, p. 28)
 o chapéu (-ACC)
 'o chapéu'

b. *egy kalap (-ot)*
 um chapéu (-ACC)
 'um chapéu'

c. *kalap. ok (-at)*
 chapéu. pl (-ACC)
 'chapéus'

d. *a kalap. ok (-at)*
 o chapéu. pl (-ACC)
 'o chapéus'

(35) a. *a két fekete kalap(-ot)* (BORER, 2005, p. 28)
 os dois preto chapéu(-ACC)
 'os dois chapéu preto'

b. *minden kalap(-ot)*
 todo chapéu(-ACC)
 'todo chapéu'

c. *az összes kalap(-ot)*
 os todo chapéu(-ACC)
 'todos os chapéu'

d. (a) *nehány kalap(-ot)*
 (o) um chapéu(-ACC)
 'um chapéu'

e. (a) *keves kalap(-ot)*
 (o) poucos chapéu(-ACC)
 'poucos chapéu'

f. (a) *sok kalap(-ot)*
 (o) muitos chapéu(-ACC)
 'muitos chapéu'

No paradigma proposto por Borer (2005), os cardinais do húngaro comportam-se como *every* e *each*, sendo divisores e contadores. Apresentando a mesma estrutura proposta para *each* e *every*, os cardinais em húngaro *merge* com $\langle e \rangle_{\text{div}}$ e em seguida são alçados e adjungidos a $\langle e \rangle_{\#}$, resultando a estrutura em (36a). Por outro lado, na ausência de cardinais divisores, a flexão de plural, como em inglês, atribui cadeia a $\langle e \rangle_{\text{div}}$, resultando a estrutura em (36b):

(36) a. Cardinais divisores:

[SD [S# *két* $\langle e \rangle_{\#(\text{div})}$ [SCL ~~*két*~~ $\langle e \rangle_{\text{div}(\#)}$ [SN *kalap*]]]]

b. plural:

[SD [S# $\langle e \rangle_{\#}$ [SCL *kalap* ~~$\langle \text{div} \rangle$~~ $\langle e \rangle_{\text{div}}$ [SN ~~*kalap*~~]]]]

Em resumo, Borer (2005) defende que os nomes em todas as línguas não são especificados para nenhuma propriedade, incluindo a propriedade contável-massivo, e que, como *default*, sem nenhuma estrutura fornecida, eles devem ser interpretados como massivos. Caso contrário, eles podem apresentar denotação massiva quantificada, se sofrerem apenas a operação de atribuição de quantidade, ou denotação contável se sofrerem operação de classificação e atribuição de quantidade.

1.3 A DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO NO CHINÊS

Nesta seção, são apresentados os argumentos de Borer (2005) contra a hipótese de Cheng e Sybesma (1999) de que a distinção contável-massivo no chinês é lexical. Segundo Borer (2005), a distinção contável-massivo em todas as línguas é estrutural em vez de lexical. O objetivo é mostrar que sintagmas de medida em inglês comportam-se da mesma forma que os massificadores no chinês, e que ambos possuem propriedades diferentes das dos classificadores do chinês que possuem uma natureza não flexional de gênero e número.

Cheng e Sybesma (1999) defendem que há distinção lexical entre nomes contáveis e massivos no chinês. Para os autores, há dois tipos de classificadores nessa língua: um que acompanha os nomes massivos, denominado massificador, e outro que acompanha os nomes contáveis, denominado classificador, como ilustrado em (37) e (38), respectivamente:

- (BORER, 2005, p. 12)
- Classificadores:*
- (37) a. *san* *ge* *ren*
 três CL pessoa
 ‘três pessoas’
- b. *san* *zhi* *bi*
 três CL caneta
 ‘três canetas’
- c. *san* *ben* *shu*
 três CL livro
 ‘três livros’

Massificadores:

(BORER, 2005, p. 12)

- (38) a. *san bang (de) rou*
 três (1) CL-libra(de) carne
 ‘três libras de pessoas’
- b. *liang xiang (de) shu*
 duas CL-caixa(de) livro
 ‘três caixas de livro’

Para Cheng e Sybesma (1999), os massificadores permitem uma ocorrência opcional com *de*, enquanto que os classificadores não, como ilustram os exemplos em (37) e (38). Além disso, os massificadores podem ser modificados por adjetivos, tais como *da* 'grande' e *xiao* 'pequeno', enquanto que isso nunca é possível com os classificadores, como ilustra o contraste de gramaticalidade entre (39) e (40):

Massificadores:

(BORER, 2005, p. 12)

- (39) a. *yi da zhang zhi*
 uma grande CL-folha papel
 ‘uma folha grande de papel’
- b. *na yi xiao xiang shu*
 aquela uma pequena CL-caixa livro
 ‘uma caixa pequena de livro’

Classificadores:

(BORER, 2005, p. 12)

- (40) a. **yi da zhi gou*
 um grande CL cachorro
 ‘um cachorro grande’
- b. **yi da wei laoshi*
 um grande CL professor
 ‘um professor grande’

Assim, como os nomes massivos são encontrados em estruturas sintáticas que são diferentes daquelas em que se encontram os nomes contáveis, Cheng e Sybesma (1999) concluem que a distinção contável-massivo é representada lexicalmente no chinês.

Contudo, Borer (2005) defende que a distinção contável-massivo no chinês é estrutural em vez de lexical. Observando os exemplos em (38) e (39), Borer (2005) nota que, em (38b) e (39b), massificadores estão associados com *shu* 'livro', que certamente não é um nome ontologicamente massivo. Se realmente nomes são lexicalmente classificados como contáveis ou massivos, 'livro', ao que parece, deveria ser contável e não massivo. Observa ainda que falantes nativos não são unânimes nos julgamentos de (40a,b). Os que aceitam (40a,b) afirmam que classificadores não exigem necessariamente nomes massivos como seus complementos. Desse modo, Borer (2005) conclui que classificadores na terminologia de Cheng e Sybesma (1999) selecionam qualquer denotação, executando uma função divisora sobre ela.

Para Borer (2005), massificadores selecionam como seus complementos sintagmas nominais massivos em vez de nomes lexicalmente massivos. Sintagmas nominais massivos, segundo Borer (2005), são diferentes de nomes lexicalmente massivos como indicado pela possível presença de *shu* 'livro' em (38b) e a aceitabilidade de (40a,b) por alguns falantes. Abaixo segue a representação de uma estrutura com massificadores. Em (41), o massificador *zhang* seleciona o sintagma nominal massivo *zhi*.

(41) [_{S#} *yi* [_{da} [_{SN} *zhang* (*de*) [_{DP} [_{S#} [_{SN} *zhi*]]]]]]

(BORER, 2005, p. 14)

Tal explicação captura a semelhança entre massificadores em chinês e os sintagmas de medida em inglês, na medida em que ambos podem ser modificados por adjetivos e ocorrem com *de*. Em contrapartida, classificadores são núcleos funcionais que não devem ser modificados por adjetivos ou acompanhados por *de*. Sua principal função é aquela de divisor massivo, ou, mais formalmente, de atribuidor de um valor divisional para o valor aberto $\langle e \rangle_{div}$, o núcleo do sintagma de classificação.

1.4 CRIANDO INDIVÍDUOS

Um importante aspecto da análise de Borer é o fato de que o plural não é uma função de indivíduos. O objetivo dessa seção é rever os argumentos de Borer (2005) que fundamentam a hipótese de que o plural é uma função de divisão.

Na medida em que se entende que na extensão de *cats* ‘gatos’ não existem só indivíduos gatos, na expressão *three cats* ‘três gatos’ Borer (2005) explica a existência apenas de indivíduos por meio da interação da função de divisão marcada pelo plural com a função de contagem marcada pelo numeral.

É claro que, segundo a sabedoria popular, a denotação de expressões tais como *cats* ‘gatos’ consiste no conjunto de indivíduos gatos, mas, conforme a autora, a gramática não dá essa informação. Consideremos, nesse contexto, a interpretação do plural nu em (42):

- (42) a. *Kim ate apples this afternoon (for an hour) (*in an hour)*
 Kim comeu maçãs esta tarde (por uma hora) (*em uma hora)
 'Kim comeu maçãs esta tarde por uma hora.'
- b. *Pat built houses (all summer) (*in two months)*
 Pat construiu casas (todo o verão) (*em dois meses)
 'Pat construiu casas todo o verão.'
- c. *My kid sister drew circles (all morning) (*in half an hour)*
 Minha pequena irmã desenhou círculos (toda manhã) (*em meia hora)
 'Minha irmã pequena desenhou círculos toda manhã.'

(BORER, 2005, p. 31)

Em (42a), a interpretação é que existem maçãs que não foram totalmente comidas, em (42b), que algumas casas não foram construídas por completo e, em (42c), que não necessariamente todos os círculos foram desenhados por completo. Apesar dos plurais nus em (42a-c) não admitirem interpretação télica, em (43a-c) os plurais não nus admitem:

- (43) a. *Kim ate three apples (in an hour)* (BORER, 2005, p. 32)
 Kim comeu três maçãs (em uma hora)
 'Kim comeu três maçãs em uma hora.'
- b. *Pat built more than three houses (in two months)*
 Pat construiu mais que três casas (em dois meses)
 'Pat construiu mais que três casas em dois meses.'
- c. *My kid sister drew some circles (in half an hour)*
 Minha pequena irmã desenhou alguns círculos (em meia hora)
 'Minha irmã pequena desenhou alguns círculos em meia hora.'

Por um lado, plurais nus compartilham com nomes massivos nus a natureza indeterminada de quantidade envolvida em enunciados tais como em (44).

- (44) a. *Kim ate meat (*in an hour)* (BORER, 2005, p. 32)
 Kim comeu carne (*em uma hora)
 ‘*Kim comeu carne em uma hora.’
- b. *Pat built furniture (*in two months)*
 Pat construiu mobília (*em dois meses)
 ‘*Pat construiu mobília em dois meses.’
- c. *Robin sifted sand (*in half an hour)*
 Robin pegou areia (*em meia hora)
 ‘*Robin pegou areia em meia hora.’

Por outro, plurais não nus compartilham com os nomes massivos não nus o traço de telicidade, como ilustra a gramaticalidade das sentenças em (45):

- (45) a. *Kim ate more than enough meat (in an hour)*
 Kim comeu mais que o suficiente carne (em uma hora)
 ‘Kim comeu carne mais que o suficiente em uma hora.’
- b. *Pat built most furniture (in two months)*
 Pat construiu a maioria dos mobília (em dois meses)
 ‘Pat construiu a maioria dos móveis em dois meses.’
- c. *Robin sifted much sand (in half an hour)*
 Robin pegou muita areia (em meia hora)
 ‘Robin pegou muita areia em meia hora.’

(BORER, 2005, p. 32)

Na estrutura semirreticulada representada em (46), a semelhança de interpretações entre plurais nus e nomes massivos costuma ser atribuída ao fato de a interpretação plural, assim como a interpretação massiva, possuir natureza indeterminada de quantidade; supondo que a interpretação plural seja representada a partir de um conjunto de singularidades, como o diagrama em (46) mostra:

(46)

(BORER, 2005, p. 33)

Fonte: Borer (2005).

Em se tratando do nome ‘círculos’, o número de indivíduos que implica na denotação desse nome é completamente indeterminado, na medida em que sua extensão é representada, em (46), pelos subconjuntos acima da linha atômica, da mesma forma que o número de átomos de nomes massivos, como *sand* ‘areia’, também o é, quando as quantidades de areia envolvidas não são determinadas por algum enunciado. É nesse sentido que a maioria dos autores assume que nomes massivos e plurais nus são similares.

No entanto, Borer (2005) não concorda com essa posição. Para a autora, plurais nus não denotam conjuntos de singularidades. Se Kim comeu uma porção de um número de maçãs, embora sejamos levados a dizer que ela comeu maçãs, o

conjunto de elementos que ela comeu não foi de maçãs singulares, mas sim de porções de maçã. Mais devastador é saber que *zero apples* ‘zero maçãs’ e *0.5 apples* ‘0,5 maçãs’ não pressupõem a existência de singulares, embora eles ocorram com marcação de plural. Tal comportamento mostra que na estrutura semirreticulada, em (46), a noção de conjuntos não esclarece a denotação de plural.

Borer (2005) argumenta também que as sentenças em (43b-c), apesar de télicas, mostram também que a estrutura semirreticulada em (46) não esclarece a denotação de plural. Para a autora, embora uma expressão como *more than three* ‘mais que três’ reduza um pouco as possíveis interpretações de plural, ela é suficiente para fazer a natureza indeterminada da interpretação de plural desaparecer por meio do contraste de interpretação existente entre o plural nu *apples* ‘maçãs’ e *more than three apples* ‘mais que três maçãs’. O mesmo ocorre com *some*, que potencialmente se refere a algum dos não atômicos conjuntos em (46).

Visto de maneira diferente, contudo, Borer (2005) nota que embora expressões como *more than three circles* ‘mais que três círculos’ ou *some circles* ‘alguns círculos’ não resolvam a natureza indeterminada associada com a interpretação dos plurais nus, elas têm uma interpretação que é radicalmente diferente da dos plurais nus. Se Kim desenhar mais que três círculos, então há pelo menos três círculos individuais tais que Kim os desenhou. As verdadeiras condições de *more than three circles* não poderiam de fato ser computadas sem assumir círculos individuais. Da mesma forma, se Kim desenhou alguns círculos, então há pelo menos dois círculos individuais tais que Kim os desenhou e a sentença não pode ser verdadeira se apenas desenhos de arcos incompletos sobre o papel tiverem sido desenhados. Em cada caso, a computação de significados parece pressupor indivíduos de maneira que a interpretação de plurais nus não.

Dessa forma, Borer (2005) defende que indivíduos não podem ser criados pela flexão de plural, pois a flexão de plural pode ocorrer sem implicar indivíduos. Indivíduos dentro de um conjunto plural emergem como resultado de uma função de contagem. Intuitivamente, então, o que Borer (2005) propõe é que uma função de contagem tal como *three* seleciona conjuntos de três indivíduos dentre as divisões introduzidas pelo plural.

1.5 Os SNs no PB e a Teoria de Borer (2005)

No PB, diferentemente do que propõe Borer (2005) para as línguas naturais, a denotação *default* dos nomes não é massiva. Nesta seção, será investigada a denotação dos nomes no PB tendo por base o modelo de Borer (2005).

O PB, como mostram as sentenças em (47-59), é uma língua que possui singular nu (47 e 53), nomes massivos (48, 50, 54 e 56), plural nu (49) e quantificadores singular (53) e plural (55 e 56).

(47)	Ontem, eu	comprei	livro.
(48)	Ontem, eu	comprei	ouro.
(49)	Ontem, eu	comprei	livros.
(50)	Ontem, eu	comprei	ouros.
(51)	Ontem, eu	comprei	um livro.
(52)	Ontem, eu	comprei	três livros.
(53)	Ontem, eu	comprei	muito livro.
(54)	Ontem, eu	comprei	muito ouro.

(55)	Ontem, eu	comprei	vários livros.
(56)	Ontem, eu	comprei	vários ouros.
(57)	*Ontem, eu	comprei	vários livro.
(58)	Ontem, eu	comprei	cada livro. (por um preço diferente).
(59)	*Ontem, eu	comprei	cada ouro. (por um preço diferente).
(60)	*Ontem, eu	comprei	cada livros. (por um preço diferente).

Paraguassu-Martins e Müller (2007), associando essas sentenças ao modelo proposto por Borer (2005), observam que os nomes nas sentenças (47), (48), (53) e (54) seriam representados no modelo de Borer (2005) por estruturas massivas, que não projetam SCL, e os nomes nas sentenças (49), (50), (51), (52), (55), (56) e (58) seriam representados por estruturas contáveis, que projetam SCL:

(61) SDs COM ESTRUTURA MASSIVA

(47' e 48')

Fonte: Paraguassu-Martins e Müller (2007).

(53' e 54')

Fonte: Paraguassu-Martins e Müller (2007).

(62) SDs COM ESTRUTURA CONTÁVEL

(49' e 50')

Fonte: Paraguassu-Martins e Müller (2007).

(51')

Fonte: Paraguassu-Martins e Müller (2007).

(52', 55' e 56')

Fonte: Paraguassu-Martins e Müller (2007).

No entanto, as autoras notam que esses dados apresentam três problemas para a teoria de Borer (2005).

O primeiro está relacionado ao fato de Borer (2005) prever que todos os nomes são lexicalmente massivos, pois dados do PB mostram que há nomes que são massivos e outros que são contáveis, como ilustra o contraste de gramaticalidade entre (63a,b):

- (63) a. **Elefante** anda um atrás do outro.
 b. ***Ouro** cai um atrás do outro.

Segundo Schmitt e Munn (1999, 2002), nomes massivos não ocorrem com predicados que requerem atomização, enquanto que os contáveis ocorrem sem nenhum problema. Além disso, Schmitt e Munn (1999, 2002) observam que, no PB, predicados recíprocos e reflexivos ocorrem com nomes contáveis, mas nunca com nomes massivos, como ilustra o contraste de gramaticalidade entre (64) e (65).

(64) **Criança** briga uma com a outra.

(65) ***Ouro** realça um o outro.

Para Paraguassu-Martins e Müller (2007), tal comportamento dos dados do PB mostra que há uma diferença entre a denotação de nomes contáveis nus e nomes massivos nus que não deve ser ignorada: nomes contáveis nus, diferentemente dos massivos nus, não denotam uma matéria sem divisão, pois eles contêm indivíduos em suas denotações. Assim, Paraguassu-Martins e Müller (2007) defendem que, apesar dos nomes contáveis nus e massivos nus no PB possuírem denotação neutra para número, os contáveis, por apresentarem uma denotação dividida, correspondem à estrutura de nomes contáveis proposta por Borer (2005), representada em (49') e (50'), e os massivos, por não apresentarem uma denotação dividida, correspondem à estrutura de nomes massivos proposta por Borer (2005), representada em (47') e (48').

O segundo problema apontado por Paraguassu-Martins e Müller (2007) está relacionado ao fato de Borer (2005) prever que o plural atribui divisões, mas não seleciona indivíduos. Os dados do PB mostram que enquanto o singular nu possui denotação dividida, mas não classificada, o plural nu possui denotação dividida e classificada, contendo apenas indivíduos. Em (66), 'maçã' pode significar porções ou unidades de maçã; já em (67), 'maçãs' significa apenas unidades ou tipos de maçã; e em (68), 'óleos' significa tipos ou a pluralidade de algum classificador implícito no contexto. Esse comportamento dos dados do PB prova que operações de divisão são diferentes de operações de classificação e que a denotação plural, pelo menos para o PB, não é apenas dividida, mas também classificada.

(66) Eu comprei **maçã**.

(67) Eu comprei **maças**.

(68) Eu comprei **óleos**.

O terceiro e último problema tem a ver com o fato de Borer (2005) defender que o singular pressupõe divisão e quantificação. Dados do PB mostram que alguns quantificadores requerem indivíduos singulares classificados em seus domínios, o que prova que classificação, pluralização, singularização, divisão e atribuição de quantidade são operações separadas. O quantificador ‘cada’, por exemplo, requer um argumento que seja classificado e singular, como ilustra o contraste de gramaticalidade entre (58) e (59), repetidas aqui em (69) e (70).

(69) Ontem, eu comprei **cada livro** por um preço diferente.

(70) *Ontem, eu comprei **cada ouro** por um preço diferente.

Desse modo, com relação à teoria de Borer (2005), Paraguassu-Martins e Müller (2007) concluem que para o PB a denotação *default* dos nomes não é necessariamente massiva, que a denotação plural não é apenas dividida, mas também classificada, e que as operações de classificação, divisão, singularização, pluralização e atribuição de quantidade são operações separadas, pois os dados do PB mostram que há distinção entre nomes contáveis e massivos, que nomes contáveis neutros não apresentam denotação classificada e que plurais selecionam indivíduos plurais, e singulares indivíduos singulares.

1.7 RESUMO E CONCLUSÕES

Neste capítulo, vimos a proposta de Borer (2005) para a denotação dos nomes nas línguas naturais e analisamos os dados do PB frente a essa proposta. Na seção 1, vimos que Borer (2005) caracteriza a distinção contável-massivo no sistema nominal como sendo uma distinção gramatical e não lexical. Na seção 2, foi apresentada a hipótese de Borer (2005) que defende que a denotação *default* dos nomes nas línguas naturais é massiva e a partir dessa denotação deriva mais três denotações: massiva quantificada, contável e contável quantificada. Segundo a autora, o que diferencia um nome contável de um massivo são as operações de classificação, entendidas aqui como operações de divisão. Na seção 3, foram demonstrados os argumentos de Borer (2005) que refutam a hipótese de Cheng e Sybesma (1999) de que a distinção contável-massivo no chinês é uma distinção lexical. Para Borer (2005), a distinção contável-massivo no chinês é, como em todas as línguas, uma distinção gramatical. Na seção 4, foram expostos os fundamentos da hipótese de Borer (2005) de que o plural é uma função de divisão e não uma função de indivíduos, como muitos autores na literatura defendem. Na seção 5, analisando os dados do PB, foi possível concluir que eles não confirmaram a hipótese de Borer (2005) de que os nomes nas línguas naturais são todos massivos, pois nessa língua nem todos os nomes denotam uma massa homogênea. Assim, defende-se que no PB há nomes massivos e contáveis e que ambos podem ocorrer sem terem sofrido qualquer operação de classificação, o que significa dizer apenas que eles são indeterminados para número e não necessariamente massivos. Além disso, defende-se, contra Borer (2005), pelo menos para o PB, que as operações de classificação,

divisão, singularização, pluralização e atribuição de quantidade são operações independentes que devem ser computadas separadamente.

Nessa perspectiva, se o PB é uma língua em que a denotação *default* dos nomes é indeterminada para número, quais seriam as propriedades semânticas e pragmáticas desses nomes? A resposta para essa pergunta será objeto de investigação do próximo capítulo.

2 A SEMÂNTICA E A PRAGMÁTICA DOS NOMES NUS E DO INDEFINIDO SINGULAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Segundo Rullmann e You (2003), a propriedade básica dos nomes nus do chinês é que eles têm número geral, isto é, eles não são singular nem plural, mas algo como neutro, não definido para número.

Como vimos no capítulo 1, o PB apresenta sintagma nominal não marcado para contabilidade, isto é, formado apenas de nome nu, sem nenhum elemento funcional aberto, como determinante, classificador ou morfologia de número. Em (47), repetida aqui em (71), ‘livro’ é um nome nu, pois aparece desacompanhado de qualquer elemento funcional, pelo menos na superfície.

(71) Ontem, eu comprei **livro**.

Este capítulo explora as propriedades semânticas e pragmáticas dos nomes nus no PB, mais especificamente as dos nomes nus não marcados para contabilidade com interpretação existencial, como em (71). Em particular, serão investigadas as diferenças entre esses nomes e o indefinido singular no PB ‘um livro’ e suas contrapartes no inglês *a book* ‘um livro’ e no chinês (*yi ben shu*) ‘um CL livro’:

(72) Ontem, eu comprei um (unidade de) livro.

Diferentemente do nome nu ‘livro’ em (71), o indefinido singular ‘um livro’ em (51), repetida em (72), não tem número geral. Como será mostrado a seguir, ‘livro’ em (71) não é singular nem plural e ‘um livro’, em (72), é semanticamente singular.

No PB o indefinido singular é formado pelo numeral ‘um’, por um classificador e por um nome, como ilustrado em (72).¹² Esse sintagma de determinante (SD) é funcionalmente equivalente a *one/a book* ‘um livro’, em inglês, e *(yi) ben shu*, ‘um CL livro’, em chinês, como representados em (73) e (74):¹³

(73) *Yesterday, I bought a book.*
ontem eu comprei um livro
‘Ontem, eu comprei um livro.’

(74) *Zuotian wo mai le (yi) ben shu.*
ontem eu comprar ASP um Cl livro
‘Ontem, eu comprei um livro.’

(RULLMANN; YOU, 2003, p. 12)

Este capítulo estrutura-se da seguinte maneira:

Na seção 1, será apresentada a noção de número geral de Rullmann e You (2003). Na seção 2, as condições de verdade de sentenças com número geral e indefinido singular serão analisadas. Nas seções 3, 4 e 5, importantes diferenças semânticas e pragmáticas entre sentenças com número geral e indefinido singular serão apontadas, a saber: escopo, anáfora discursiva e implicaturas escalares. Finalmente, na seção 6, o resumo e as conclusões.

¹² Sobre a estrutura de classificação no PB, ver capítulo 3.

¹³ No PB, a interpretação do artigo indefinido ‘um(a)’ é ambígua. Ele pode ser interpretado como ‘exatamente um’ ou ‘pelo menos um’. Aqui estamos assumindo a leitura de ‘apenas um’. A esse respeito ver Silva (2007).

2.1 NÚMERO GERAL

2.1.1 NOMES NEUTROS PARA NÚMERO

Esta seção apresenta a noção de número geral defendida por Rullmann e You (2003) e a representação semântica que esses autores assumem para explicar a denotação dos nomes do chinês que possuem essa propriedade. Além disso, são apresentados dados que mostram que, no PB, os nomes também possuem número geral.

Rullmann e You (2003) defendem que um nome tem número geral quando possui uma denotação neutra para número, isto é, quando ele não é singular e tampouco plural. De acordo com os autores, há muitas línguas no mundo em que não só os nomes massivos, mas também os contáveis são neutros para número, como, por exemplo, o chinês, o coreano, o húngaro, o turco, entre outras.

- (75) *Zuotian wo mai le shu.* chinês
 ontem eu comprar ASP livro
 ‘Ontem, eu comprei um ou mais livro.’

- (76) *Sakwa-ka chayksang wui-ey issta* coreano
 maçã-NOM mesa top-at haver
 ‘Há uma ou mais maçãs sobre a mesa.’

- (77) *Mari verset olvas.* húngaro
 Mari poema.ACC ler
 ‘Mari está lendo um ou mais poemas.’
- (78) *Kitap al-dl-m* turco
 livro comprar-PAST-1S
 ‘Eu comprei um ou mais livros.’

O PB, assim como o chinês, o coreano, o húngaro e o turco, também é uma língua cuja denotação nominal é geral para número, isto é, nem é singular nem é plural. Em (71), repetida em (79), ‘livro’ pode significar que o falante comprou um ou mais livros.¹⁴

- (79) Ontem, eu comprei **livro**.

Para explicar a denotação dos nomes com número geral, Rullmann e You (2003) assumem um domínio atômico representado por um conjunto formado de entidades singulares e plurais. Partindo dessa estrutura, eles defendem que os nomes com número geral em chinês denotam um conjunto de átomos singulares e plurais, como representado em (80):

¹⁴ A esse respeito ver também Müller (2001) e Schmitt e Munn (1999, 2002).

(80) $[[shu]]$

Em outras palavras, ao assumir que ‘a’, ‘b’ e ‘c’ são os únicos livros do mundo, em (80) a denotação do nome contável em chinês *shu* ‘livro’ é o conjunto de todas as entidades singulares e plurais.

Para o morfema de plural, Rullmann e You (2003) assumem a seguinte semântica:

(80) $PL(N) = *N - At$, onde $*N$ é um conjunto de átomos e pluralidades e At é um conjunto de átomos.

Segundo Rullmann e You (2003), assim como a denotação do plural em inglês, a denotação de nomes com número geral também é cumulativa. Um nome possui denotação cumulativa se a soma dos elementos que compõem a sua denotação resultar em um elemento de mesma natureza. Nesse sentido, para Müller e Oliveira (2004), os nomes com número geral no PB, assim como o plural, possuem denotação cumulativa. Em outras palavras, se, no PB, A é livro e B é livro, a soma de A e B também é livro; se C é um conjunto de livros e D é um conjunto de livros, a soma de C e D também é um conjunto de livros.

Para Chierchia (1998a, 1998b), essa é uma propriedade que os nomes com número geral e o plural dividem com os nomes massivos em inglês. Em inglês, o

nome massivo *furniture* ‘mobília’, por exemplo, é cumulativo, pois, se *table* ‘mesa’ é *furniture* e *desk* ‘cadeira’ é *furniture*, a soma de *table* e *desk* também é *furniture*. Nesse sentido, segundo Rullmann e You (2003), os nomes com número geral são massivos. Mas, para evitar discussões de outra natureza, serão tratados esses nomes como nomes com denotação geral de número.

Nesta seção, vimos, conforme Rullmann e You (2003), que os nomes com denotação geral para número possuem uma denotação neutra, isto é, possuem uma denotação que não é singular e tampouco plural. Além disso, vimos que os nomes no PB, como no chinês e em outras línguas no mundo, também possuem uma denotação geral para número e que nomes com esse tipo de denotação são também cumulativos, assim como o plural e o nome massivo do inglês.

2.1.2 NOMES NUS NÃO SÃO AMBÍGUOS

Nesta seção, serão expostos os argumentos utilizados por Rullmann e You (2003) que mostram que nomes com número geral não possuem uma leitura ambígua entre singular e plural. O objetivo é investigar se esses nomes no PB comportam-se, nesse aspecto, como os no chinês.

Segundo Rullmann e You (2003), nomes com número geral não possuem uma leitura ambígua entre singular e plural. Para evidenciar, os autores aplicam o tradicional teste de ambiguidade proposto por Zwicky e Sadock (1975) e Cruse (1986).

Esse teste consiste em observar a denotação de sentenças como em (81), cujo objeto da segunda sentença deve sempre ser interpretado com o mesmo sentido do da primeira sentença. Assim, se o nome for ambíguo, das quatro leituras logicamente possíveis, ele admitirá apenas duas. Se o nome não for ambíguo, ele admitirá apenas uma leitura cuja interpretação é neutra em relação as quatro leituras logicamente possíveis. Por exemplo, considerando que em inglês *pen* ‘caneta’ é ambíguo entre os sentidos *writing implement* ‘instrumento para a escrita’ e *enclosure* ‘documento anexo’, em (81), as sentenças poderão significar apenas que ‘João viu um instrumento para a escrita e Maria também viu um instrumento para a escrita’ ou que ‘João viu um documento anexo e Maria também viu um documento anexo’, mas nunca que ‘João viu um instrumento para a escrita e Maria também viu um documento anexo’, ou que João viu um documento anexo e Maria também viu um instrumento para a escrita.

- (81) a. *John saw a pen and Mary did too.*
 John viu uma caneta e Mary viu também.
 ‘John viu uma caneta e Mary viu também.’
- b. *John saw a pen and Mary saw one too.*
 John viu uma caneta e Mary viu uma também.
 ‘John viu uma caneta e Mary viu uma também.’

Por outro lado, considerando que o nome *child* ‘criança’ não é ambíguo no que diz respeito à distinção menino-menina, em (82), mesmo as sentenças sendo verdadeiras nas quatro situações logicamente possíveis, isto é, nas situações em que João e Maria viram uma menina, em que João e Maria viram um menino, em

que João viu uma menina e Maria viu um menino e em que João viu um menino e Maria viu uma menina, não é o caso de as sentenças em (82) poderem admitir essas quatro leituras, mas apenas uma leitura que é completamente neutra com relação ao sexo das crianças envolvidas.

(82) a. *John saw a child and Mary did too.*
 John viu uma criança e Mary viu também.
 ‘John viu uma criança e Mary viu também.’

b. *John saw a child and Mary saw one too.*
 John viu uma criança e Mary viu uma também.
 ‘John viu uma criança e Mary viu uma também.’

O chinês, mesmo não tendo sentenças do tipo das apresentadas em (81), apresenta construções com função equivalente, como ilustram as sentenças em (83). Essas construções podem ser utilizadas para testar a ambiguidade em chinês da mesma maneira que as construções em (81) foram utilizadas em inglês. Em (83) os nomes *tie fanwan* em (83a) e *xiuhua zhentou* em (83b) são ambíguos. O nome *tie fanwan* pode significar ‘bola de ferro’ ou ‘emprego estável’ e o *xiuhua zhentou* pode significar ‘travesseiro bordado’ e ‘pessoa atraente’. Assim, nessas sentenças, o objeto apagado na segunda sentença necessita ter o mesmo significado que o seu antecedente. Como resultado, as duas sentenças apresentam apenas duas das quatro leituras logicamente possíveis.

- (83) a. *Wo you tie fanwan. Yuehan ye you.*
 eu tenho ferro bola John também tem
 eu tenho emprego estável John também tem
 ‘Eu tenho uma ou mais bolas de ferro. Assim como John.’
 Ou
 ‘Eu tenho um ou mais empregos estáveis. Assim como John.’
 NUNCA
 ‘Eu tenho uma ou mais bolas de ferro. John tem um ou mais empregos estáveis.’
 Ou
 ‘Eu tenho um ou mais empregos estáveis. John tem uma ou mais bolas de ferro.’
- b. *Wo kanjian le xiuhua zhentou. Yuehan ye kanjian le.*
 Eu vi ASP travesseiro bordado John também ver ASP
 Eu vi ASP pessoa atraente John também ver ASP
 ‘Eu vi um ou mais travesseiros bordados. Assim como John.’
 Ou
 ‘Eu vi uma ou mais pessoas atraentes. Assim como John.’

Entretanto, quando os autores aplicaram esse teste aos nomes nus, o resultado foi que, em chinês, eles não são ambíguos. Os autores observaram que a sentença em (83) pode ser usada nas quatro situações a seguir: na situação em que o falante e João compraram um livro ou na situação em que o falante e o João compraram livros, ou na situação em que o falante comprou um livro e João, livros, ou em uma situação em que o falante comprou livros e João comprou um livro, o que mostra que eles, em vez de ambíguos, não são especificados para número.

- (84) *Zuotian wo mai le shu. Yuehan ye mai le.*
 ontem eu comprar ASP livro John também comprar ASP
 ‘Ontem eu comprei um ou mais livros. Assim como John.’

O PB também apresenta construções que podem ser utilizadas para testar a ambiguidade, assim como o chinês e o inglês. Em (85) os nomes ‘banco’ em (85a) e

‘manga’ em (85b) são ambíguos. O nome ‘banco’ pode significar assento e instituição financeira e o nome ‘manga’ pode significar fruta e parte do vestuário. Desse modo, assim como no inglês e no chinês, nas sentenças em (85) o que evidencia a ambiguidade das palavras ‘banco’ e ‘manga’ é o fato de o objeto apagado na segunda sentença apresentar o mesmo significado do seu antecedente. Como resultado, as duas sentenças apresentam apenas duas das quatro leituras logicamente possíveis.

(85) a. João está no banco da esquina e Maria também.

‘João está na instituição financeira da esquina e Maria também.’ Ou

‘João está no assento da esquina e Maria também.’

b. O rato roeu a manga da vovó e a cotia também.

‘O rato roeu a manga (fruta) e a cotia também.’ Ou

O rato roeu manga (parte do vestuário) e a cotia também.’

Aplicando esse teste aos nomes com número geral no PB observou-se que em relação à distinção singular-plural eles não são ambíguos. Analisando a sentença em (86), constatou-se que ela não permite apenas duas das interpretações logicamente possíveis, mas as quatro. A sentença em (86) pode ser empregada na situação em que Maria e João compraram um livro, na situação em que Maria e João compraram livros, na situação em que Maria comprou um livro e João, livros, e ainda na situação em que a Maria comprou livros e João comprou um livro, o que mostra que o nome ‘livro’, em vez de ambíguo, não é especificado para número.

(86) a. João e Maria compraram livro.

‘João e Maria compraram um ou mais livros.’

b. João comprou livro e Maria também.

‘João e Maria compraram um ou mais livros.’

Nesta seção, foram apresentados os argumentos de Rullmann e You (2003) a respeito da denotação neutra dos nomes nus no chinês e foi defendido, assim como Rullmann e You (2003) defendem para o chinês, que os nomes com número geral no PB não apresentam uma denotação ambígua entre singular e plural, dado que, em construções semelhantes às construções em (82), eles apresentam uma interpretação completamente neutra em relação à denotação singular e plural.

2.1.3 NÚMERO GERAL, PLURAL E SINGULAR

Esta seção apresenta dados de várias línguas que possuem número geral e morfema de plural, o que mostra que um fenômeno não exclui o outro. Segundo Rullmann e You (2003), uma língua que apresenta número geral e marcação de plural deve descrever uma situação envolvendo mais que uma entidade utilizando o plural ou o número geral. O objetivo, nesta seção, é investigar a expressão de número geral, de plural e de singular no PB.

Rullmann e You (2003) argumentam que o fenômeno de número geral não pode simplesmente ser equiparado com uma total ausência de número ou marcação

de número nas línguas. Segundo os autores, muitas línguas que apresentam esse fenômeno têm morfemas de plural:

- (87) *Sakwa-tul-i chayksang wui-ey issta* coreano
 maçã-PL-NOM mesa top-at haver
 'Há maçãs sobre a mesa.'
- (88) *Mari verseket olvas.* húngaro
 Mari poema.PL.ACC ler
 'Mari está lendo poemas.'
- (89) *Kitap-lar al-dı-m* turco
 livro-PL comprar-PAST-1SG
 'Eu comprei livros.'

Conforme Chierchia (1998a) e Carson (2000), nessas sentenças, a forma plural do nome denota um subconjunto da denotação do nome em si mesmo, esse subconjunto contém todos os membros não singulares da denotação do nome.

Rullmann e You (2003), Müller (2001) e Chierchia (1998a) estruturam a denotação não marcada e a denotação plural de línguas que possuem número geral e marcação de número, como segue abaixo:

Ao assumir que ‘a’, ‘b’ e ‘c’ são as únicas cadeiras do mundo, em (90) a denotação do nome contável ‘cadeiras’ é o conjunto formado por todas as entidades plurais, como representado anteriormente.

Para Rullmann e You (2003), a semântica do plural como definida na subseção 1.1 funcionará apenas para as línguas em que o nome tem número geral. Assim, nesse tipo de língua $N = *N$, isto é, um conjunto de singularidades e pluralidades, sendo o $PL(N) = *N - At = N - At$.

Para esses autores, uma língua que apresenta número geral e marcação de plural deve poder descrever uma situação envolvendo mais que uma entidade utilizando o plural ou o número geral. Por exemplo, a sentença em inglês *There are apples on the desk* ‘Há maçãs sobre a mesa’ pode ser descrita em coreano como em (76) ou (87), repetidas aqui como (91) e (92).

(91)	<i>Sakwa-ka</i>	<i>chayksang</i>	<i>wui-ey</i>	<i>issta</i>	coreano
	maçã-NOM	mesa	top-at	haver	
	‘Há maçã sobre a mesa.’				
(92)	<i>Sakwa-tul-i</i>	<i>chayksang</i>	<i>wui-ey</i>	<i>issta</i>	coreano
	maçã-PL-NOM	mesa	top-at	haver	
	‘Há maçãs sobre a mesa.’				

Segundo Bertucci, Lunguinho e Paraguassu-Martins (2010), dados do PB corroboram a hipótese de Rullmann e You (2003) de que em línguas que têm número geral o plural é opcional. No PB, se o falante pretende dizer que há mais de uma maçã sobre a mesa, ele pode pronunciar qualquer uma das sentenças a seguir.

(93) Há maçã sobre a mesa.

(94) Há maçãs sobre a mesa.

Além disso, segundo Bertucci, Lunguinho e Paraguassu-Martins (2010), dados do PB também confirmam a hipótese de Rullmann e You (2003) de que o plural nas línguas com número geral é representado por um conjunto de átomos plurais. De acordo com Müller (2001), a sentença em (95) só é verdadeira se só é verdadeira se a lagartixa tiver dois ou mais rabos.

(95) Lagartixa tem rabos.

Paralelamente à morfologia de plural, Bertucci, Lunguinho e Paraguassu-Martins (2010) mostram que línguas com número geral podem também apresentar morfologia de singular, como ilustrado abaixo. Em (96), ‘moeda’ está inserido em um sintagma quantificado singular e sua interpretação é de uma moeda específica.¹⁵

(96) João comprou a moeda ontem.

De acordo com Rullmann e You (2003) e Chierchia (1998a), o singular denota um conjunto de singularidades, como representado a seguir.

¹⁵ Não será discutido em detalhes, neste trabalho, a questão do sintagma definido.

Ao assumir que ‘a’, ‘b’ e ‘c’ são as únicas cadeiras do mundo, em (97) a denotação do nome contável singular ‘cadeira’ é o conjunto formado por todas as entidades singulares.

Conforme os fatos expostos anteriormente e considerando a proposta de Rullmann e You (2007), Bertucci, Lunguinho e Paraguassu-Martins (2010) assumem a seguinte semântica para o sintagma singular quantizado:

(98) $SG(N) = *N - PL$, onde $*N$ é um conjunto de singularidades e pluralidades e o PL é um conjunto de pluralidades. Sendo, $N = *N$, o $SG(N) = N - PL = N^* - PL$.

Segundo Rullmann e You (2003), no chinês, o processo de marcação de plural funciona diferentemente da maioria das línguas que apresentam número geral. Nessa língua, não há plural marcado como exemplificado em (87) a (89) e em (93), mas isso não significa que não haja nenhuma marcação morfológica de número. Para esses autores, no chinês, número é expresso no sistema pronominal, como ilustrado no paradigma a seguir.

(99)		Singular	Plural
	1ª pessoa	wo	wo-men
	2ª pessoa	ni	ni-men
	3ª pessoa	ta	ta-men

Para esses autores, o sufixo *men* que marca pluralidade em pronomes pode também ser usado com nome comum + humano para formar um NP plural definido, como ilustrado em (100):

- (100) *Wo qu zhao haizi-men*
 eu ir encontrar criança-PL
 'Eu vou encontrar as crianças.'

Entretanto, no chinês, o *status* do sufixo *men* como marcador de plural é algumas vezes controverso, principalmente porque ele é necessariamente definido, diferentemente do morfema de plural das línguas anteriormente analisadas. Para Rullmann e You (2003), essa controvérsia faz do chinês uma língua claramente sem número ou uma língua que perdeu a sua morfologia de número.

Nesta seção observamos que o PB apresenta o fenômeno de número geral, denotação singular e plural. Em consequência, como Rullmann e You (2003) defendem para a maioria das línguas com número geral e morfologia de plural, defende-se que o PB pode utilizar o plural ou o número geral para descrever situações envolvendo mais que uma entidade.

2.1.4 MARCAÇÃO DE NÚMERO, NUMERAIS E CLASSIFICADORES

Esta seção mostra o comportamento dos sintagmas nominais formados por nomes com número geral e determinantes numéricos. Nela, passaremos pela análise de Rullmann e You (2003) que prevê que número geral é uma condição necessária, mas não suficiente para que haja classificação, e chegaremos até o universal proposto por Sanches (1973) que afirma que se uma língua tem sistema de classificadores então ela terá expressão facultativa de plural. O objetivo é introduzir o referencial teórico sobre o qual será investigado se o PB é ou não uma língua que possui classificadores.

Nomes com número geral podem ocorrer não só em sintagmas nominais nus, mas também em sintagmas de determinantes semanticamente plurais formados, em particular, por numerais maiores que um (cf. ORTMANN, 2000):

- (101) a. *sakwa twu kay* (coreano - KANG, 1994, p. 2)
 maçã duas CL
 'duas maçã'

- b. **sakwa twu*
 maçã duas
 'duas maçã'

- (102) *öt hajó* (húngaro - ORTMANN, 2000, p. 252)
 cinco ship
 'cinco ships'

- 103) *kırk harami* (turco - UNDERHILL, 1979, p. 125)
 forty thief
 ‘quarenta ladrões’

Segundo Rullmann e You (2003), o fato de o nome com número geral também ocorrer em sintagmas de determinante formados por numerais maiores do que um é mais uma evidência de que nessas línguas os nomes são neutros para número, sendo, portanto, compatíveis com determinantes que são inerentemente plurais, como ilustram os exemplos em (102) e (103).

Os autores observam que enquanto algumas línguas com número geral requerem o uso de classificadores quando o nome é modificado por um numeral, outras não requerem. Em (101), o contraste de gramaticalidade ilustra que em coreano é necessário o uso de classificadores diante de nomes com número geral acompanhados por numerais cardinais.

Entretanto, em (102) e (103), dados do húngaro e do turco ilustram, respectivamente, que nem sempre o uso do classificador é obrigatório diante de nomes com número geral.

Consequentemente, Rullmann e You (2003) defendem que número geral é uma condição necessária, mas não suficiente para que haja classificação, isso quer dizer que toda língua que exige o uso de classificadores numéricos possui número geral, mas nem toda a língua que possui número geral exige classificadores numéricos.

Na literatura não é clara a definição de classificadores. Há quem distinga classificadores de sintagmas de medida, argumentando que os primeiros dizem respeito mais a propriedades inerentes aos objetos referidos, ao passo que os

segundos são responsáveis por criar unidades abstratas de contagem, independentemente da existência “ontológica” de tais unidades (AVELAR, 2004; CHIERCHIA, 1998a; GRINEVALD; SEIFART, 2004; LYONS, 1977). Entretanto, neste trabalho não se discutirá essa questão.

Assume-se, com Doetjes (1997), que classificadores são nomes capazes de nomear ou criar unidades de medida aos nomes que com eles ocorrem. Nesse sentido, defende-se que no PB há um sistema de classificação. A primeira evidência é a presença de número geral. Em (104a), ‘revista’ é um nome com número geral porque apresenta uma denotação neutra para número.

(104) a. João comprou revista.

‘João comprou uma ou mais revistas.’

Mas como a presença de número geral é uma condição necessária, porém não suficiente para que uma língua apresente sistema de classificação, outra evidência é o fato de o plural nu no PB indicar pluralidade de indivíduos ou de tipos (CHUNG, 2000). Em (105), ‘revistas’ denota unidades de revista ou tipos de revista. Assim, como não é claro o que está sendo pluralizado em (105), entende-se que possa estar implícito dois tipos de classificadores, um que classifica o nome em unidades e o outro que classifica o nome em tipos.

(105) João comprou revistas.

‘João comprou unidades de revista.’

‘João comprou tipos de revista’.

O singular também pode ser usado como evidência de que o PB é uma língua que possui classificadores numéricos. Segundo Müller (2001), o singular no PB indica um conjunto de singularidades. Mas essas singularidades nem sempre são claras. Na sentença em (106), por exemplo, o nome ‘tomate’ denota necessariamente unidade de tomate. Na sentença em (107), por outro lado, o nome ‘tomate’ denota tipo de tomate ou unidade de tomate. Enquanto que na sentença em (108), a nome ‘tomate’ denota necessariamente tipo de tomate. Esse comportamento do nome ‘tomate’ em (106), (107) e (108) mostra que os nomes no PB, antes de sofrerem operações de singularização, sofrem classificação.

(106) João comeu um tomate no almoço.

‘João comeu uma unidade de tomate no almoço.’

(107) Este molho foi feito com um tomate especial.

‘Este molho foi feito com um tipo de tomate especial.’

‘Este molho foi feito com uma unidade de tomate especial.’

(108) Esta pizzaria trabalha com um tomate especial.

‘Esta pizzaria trabalha com um tipo de tomate especial.’

No entanto, diferentemente do que Borer (2005) defende para o armênio, no PB, embora a marcação de número seja opcional, classificação e marcação de número não estão em distribuição complementar. Como podemos observar, em (105), o plural nu ‘revistas’ apresenta classificação, ‘unidade’ ou ‘tipo’ e marcação de número.

No PB existem dois paradigmas que envolvem a distribuição dos classificadores e a marcação de número. No paradigma padrão, em sintagmas nominais com determinantes numéricos, há um sistema de classificação e marcação obrigatória de número, como ilustrado em (109). Já no não padrão, há um sistema de classificação numérico, mas não há marcação obrigatória de número, como ilustrado em (110):

(109) João comprou duas **cestas** de maçã.

(110) João comprou duas **cesta** de maçã.

Em ambos os paradigmas os classificadores, quando representam a unidade padrão de medida empregada ao objeto referido, estão implícitos, como ilustrado em (111) e (112), respectivamente.

(111) Ganhei duas (*unidade de*) bolsas.

(112) Ganhei duas (*unidade de*) bolsa.

No paradigma padrão, se o classificador for explícito o plural vem marcado no classificador, como ilustra o exemplo em (113). Entretanto, se o classificador for implícito, ele vem marcado no nome, como ilustra o exemplo em (114):

(113) Ganhei duas **cestas** de maçã.

(114) Ganhei duas **bolsas**.

Teoricamente, a ideia de que o PB é uma língua classificadora é sustentada por Sanches (1973), que sugere a seguinte implicação universal para línguas que possuem número geral:

- (115) Se uma língua tem classificadores numéricos como forma de constituir expressões quantificadas, então ela terá expressão facultativa de plural. Em outras palavras, ela não terá marcação obrigatória em contextos semanticamente plurais.

Como nas línguas investigadas não há registro de nenhuma língua não classificadora com plural opcional, conclui-se que o PB é uma língua classificadora porque possui número geral e plural opcional. Esse comportamento do PB contraria diretamente as previsões de Chierchia (1998a, 1998b) de que em línguas classificadoras os nomes nunca podem ser pluralizados.

Nesta seção vimos que o PB é uma língua que possui número geral, sistema de classificação numérico e plural opcional. Além disso, observamos que no paradigma padrão a marcação de plural irá variar de acordo com a presença ou ausência do classificador. Se o classificador for implícito, a marcação de plural ocorrerá no nome, se ele for explícito, ocorrerá no classificador e também no nome dependendo do dialeto.

Conclui-se que no PB classificação é uma condição necessária, mas não suficiente para que haja marcação de número. Isso quer dizer que no PB toda vez que houver marcação de número haverá classificação, contudo nem sempre que houver classificação haverá marcação de número.

2.2 CONDIÇÕES DE VERDADE

Esta seção investiga as condições de verdade de sentenças com nome nu indefinido e de sentenças com DPs singulares indefinidos. O objetivo é analisar os dados do PB, tomando por ponto de partida a análise de Rullmann e You (2003) para o chinês.

De acordo com Rullmann e You (2003), embora por implicatura conversacional o ouvinte interprete as sentenças em (116) e (117) como se o falante tivesse comprado apenas um livro, pela tradição griceana, sentenças com indefinido singular possuem as mesmas condições de verdade que sentenças com nome nu indefinido. As sentenças em (116), (117) e (118) são verdadeiras em qualquer situação que João tenha comprado um ou mais livros.

(116) *Zuotian wo mai le shu.*
 ontem eu comprar ASP livro
 ‘Ontem, eu comprei um ou mais livros.’

(117) *Zuotian wo mai le (yi) ben shu.*
 ontem eu comprar ASP um CL livro
 ‘Ontem, eu comprei um livro.’

(118) *Yesterday I bought a book.*
 ontem eu comprei um livro
 ‘Ontem eu comprei um livro’.

Dados do PB também confirmam a hipótese de que sentenças com nome nu indefinido e DP singular indefinido possuem as mesmas condições de verdade. No PB, as sentenças em (119) e em (120) são verdadeiras nas mesmas situações que são as sentenças em (118), (119) e (120), isto é, em qualquer situação que João tenha comprado um ou mais livros.

(119) João comprou livro.

(120) João comprou um livro.

Entretanto, Rullmann e You (2003) esclarecem que isso não quer dizer que nomes nus e DPs indefinidos tenham o mesmo significado. Há importantes diferenças semânticas e pragmáticas entre eles, a saber: escopo, anáfora discursiva e implicaturas escalares.

2.3 ESCOPO

2.3.1 ESCOPO LARGO

Esta seção investiga a semântica dos nomes nus no que diz respeito às relações de escopo. Carlson (1977) demonstrou com uma extensiva bateria de testes que o plural nu no inglês sempre pega escopo estreito, diferentemente do indefinido

singular e plural que sempre pegam escopo largo e estreito. Como Yang (2001) mostra, as observações de Carlson também se aplicam ao chinês. O objetivo dessa seção é discutir o comportamento do nome nu no PB em relação ao nome nu no chinês e ao plural nu no inglês.

Conforme Carlson (1977), há um contraste de escopo entre os nomes nus e o indefinido DP que se manifesta em contexto opaco. A seguir segue um pequeno, mas relevante, número de dados do inglês, do chinês e do PB:

- (121) a. *Minnie wishes to talk with a young psychiatrist.* inglês
 Minnie deseja falar com um jovem psiquiatra.
 ‘Há um jovem psiquiatra que Minnie deseja falar.’ (escopo largo)
 ‘Minnie deseja falar com qualquer psiquiatra jovem.’ (escopo estreito)
- b. *Minnie wishes to talk with young psychiatrists.* inglês
 Minnie deseja falar com jovem psiquiatras.
 ‘Minnie deseja falar com quaisquer psiquiatras jovens.’ (escopo estreito)
- (122) a. *Mini xiang gen yige nianqing de xinlixuejia tantan.* chinês
 Minnie deseja com um-CL jovem MOD psiquiatra falar.
 ‘Minnie deseja falar com um psiquiatra jovem.’
 ‘Há um psiquiatra jovem que Minnie deseja falar.’ (escopo largo)
 ‘Minnie deseja falar com qualquer psiquiatra jovem.’ (escopo estreito)
- b. *Mini xiang gen nianqing de xinlixuejia tantan.* chinês
 Minnie deseja com jovem MOD psiquiatra falar.
 ‘Minnie deseja falar com psiquiatra jovem.’
 ‘Minnie deseja falar com qualquer psiquiatra jovem.’ (escopo estreito)
 ‘Minnie deseja falar com o psiquiatra jovem.’ (leitura definida)

- (123) a. Pedro quer encontrar **um policial**.
 ‘Há um policial que Pedro quer encontrar.’ (escopo largo)
 ‘Pedro quer encontrar qualquer policial.’ (escopo estreito)
- b. Pedro quer encontrar **policial**.
 ‘Pedro quer encontrar qualquer policial.’ (escopo estreito)

Em (121a) o indefinido singular em inglês *a young psychiatrist* ‘um psiquiatra jovem’ pode apresentar escopo largo ou estreito com relação à opacidade induzida pelo verbo *wish* ‘deseja’, enquanto que em (121b) o plural nu em inglês *young psychiatrists* ‘psiquiatras jovens’ pode apresentar apenas escopo estreito. Isso também se verifica no chinês e no PB, como ilustrado em (122a,b) e (123a,b), respectivamente. Note, contudo, que em chinês os nomes nus também têm a opção de pegar uma leitura definida que não deve ser confundida com a leitura indefinida de escopo largo.

O contraste de escopo entre o indefinido singular e o nome nu pode também ser observado em sentenças com o quantificador universal *everyone* ‘todos’.

- (124) a. *Everyone read a book on caterpillars.* inglês
 Todos leram um livro sobre lagartas.
 ‘Há um livro sobre lagartas que todos leram.’ (escopo largo)
 ‘Todos leram um livro qualquer sobre lagartas.’ (escopo estreito)
- b. *Everyone read books on caterpillars.* inglês
 Todos leram livros sobre lagartas.
 ‘Todos leram quaisquer livros sobre lagartas.’ (escopo estreito)

- (125) a. *Meige ren dou du guo yiben guanyu youchong de shu* chinês
 toda CL pessoa todo ler-ASP um-CL sobre lagarta MOD livro
 ‘Há um livro que todos leram sobre lagarta.’ (escopo largo)
 ‘Todos leram um livro que há sobre lagarta.’ (escopo estreito)

- b. *Meige ren dou du guo guanyu youchong de shu* chinês
 toda CL pessoa todo ler ASP sobre lagarta MOD livro
 ‘Todos leram quaisquer livros sobre lagartas.’ (escopo estreito)

- (126) a. Todos compraram um livro de Machado de Assis.
 ‘Há um livro que todos compraram.’ (escopo largo)
 ‘Todos compraram um livro qualquer.’ (escopo estreito)
- b. Todos compraram livros de Machado de Assis.
 ‘Todos compraram dois ou mais livros de Machado de Assis.’ (escopo estreito)
- c. Todos compraram livro de Machado de Assis.
 ‘Todos compraram um ou mais livros de Machado de Assis.’ (escopo estreito)

Em (124a), o indefinido singular e inglês *a book on caterpillars* pode pegar escopo largo ou estreito no que se refere ao quantificador universal *everyone*. Em contrapartida, em (124b), o plural nu *books on caterpillars* pega apenas escopo estreito. O mesmo se verifica no chinês com o indefinido singular e o nome nu, como mostra o contraste em (125a,b). No PB, o indefinido singular, assim como no inglês e no chinês, pega escopo largo e estreito em relação ao quantificador universal, como ilustrado em (126a), e o plural nu e o nome nu pegam apenas escopo estreito, como ilustrado em (126b,c).

O indefinido singular e o plural nu também exibem o que Carlson (1977) chama de “*differentiated scope*”: fato em que o plural nu pode algumas vezes ter escopo mais estreito do que um indefinido singular. Em (127a), o indefinido singular *a dog* tem leitura de escopo largo, em que um mesmo cachorro está em toda parte. Em (127b),

contudo, o plural nu *dogs* tem leitura de escopo estreito em relação ao universal *everywhere*.

- (127) a. # *A dog was everywhere.*
 Um cachorro estava em toda parte.
 ‘Tem um cachorro que estava em toda parte.’ (escopo largo)
- b. *Dogs were everywhere.*
 Cachorros estavam em toda parte.
 ‘Em toda parte tem cachorros.’ (escopo estreito)

Esse fenômeno também pode ser observado no chinês em construções com indefinido singular e nome nu, em (128a,b), e no PB, em construções com o indefinido singular, com o plural e com o nome nu, em (129a,b,c).

- (128) a. # *Yizhi gou daochu dou shi.*
 um-CL cachorro parte toda estar
 ‘Tem um cachorro que estava em toda parte.’
- b. *Gou daochu dou shi.*
 cachorro parte toda estar
 ‘Em toda parte tem cachorro.’

- (129) a. Tem um cachorro em toda parte.
 ‘Existe um cachorro para toda parte.’ (escopo largo)
 ‘Para toda parte existe um cachorro.’ (escopo estreito)
- b. Tem cachorros em toda parte.
 ‘Para toda parte existem pelo menos dois cachorros.’ (escopo estreito)
- c. Tem cachorro em toda parte.
 ‘Para toda parte existem um ou mais cachorros.’ (escopo estreito)

A análise comparativa dos dados mostra que, assim como Carlson (1977) prevê para o inglês, no PB, o indefinido singular pega escopo largo e estreito e o plural nu pega apenas escopo estreito. Além disso, mostra que no PB o nome nu comporta-se exatamente como o nome nu do chinês: pega apenas escopo estreito.

2.4 ANÁFORA DISCURSIVA

Esta seção investiga o efeito discursivo de sentenças com nome nu indefinido. O objetivo é mostrar que tipo de referente discursivo o indefinido com número geral introduz no chinês e no PB, em relação ao indefinido singular e plural no PB e no inglês.

Em inglês, o indefinido singular só pode ser retomado por pronome singular, e o plural nu só pode ser retomado por um pronome plural (RULLMANN; YOU, 2003):

- (130) a. *Yesterday I bought a book. I brought it/*them home with me.*
 ontem eu comprei um livro eu levei o/*os casa comigo
 ‘Ontem eu comprei um livro. Eu o levei para casa comigo.’
- b. *Yesterday I bought books. I brought it/*them home with me.*
 Ontem eu comprei livros eu levei *o/os casa comigo
 ‘Ontem eu comprei livros. Eu os levei para casa comigo.’

Rullmann e You (2003) utilizam a anáfora discursiva singular ou plural como meio para investigar a semântica de número dos nomes nus e DPs indefinidos. Em

chinês, o nome nu pode ser retomado por um pronome singular ou plural como em (131a,b), ou por um pronome nulo, não especificado para número como em (131c). O pronome em (131b) é menos natural do que o pronome nulo em (131c).¹⁶

- (131) a. *Zuotian wo yudao le tongshi. Wo quing ta/tamen chifan le.*
 Ontem eu encontrei ASP colega eu convidei {ele,ela}/eles comer ASP
 ‘Ontem, eu encontrei um ou mais colegas. Eu {o,a}/{os,as} convidei para jantar.’
- b. *Zuotian wo mai le shu. Wo ba ta/tamen dai hui jia le.*
 ontem eu comprar ASP livro eu BA ele/eles trouxe de volta casa ASP
 ‘Ontem, eu comprei um ou mais livros. eu o/os trouxe para casa.’
- c. *Zuotian wo mai le shu. Wo dai Ø hui jia le.*
 ontem eu comprar ASP livro eu trouxe Ø volta casa ASP
 ‘Ontem, eu comprei um ou mais livros. Eu o/ os trouxe de volta para casa.’

Esse comportamento se opõe ao DP indefinido que só pode ser singular ou plural. Em chinês, DP singular indefinido ‘(yi) CL N’ pode apenas anteceder o pronome singular *ta* ‘ele/ela’ ou o pronome nulo. DPs de forma ‘yixie N’ são semanticamente plurais e requerem um pronome plural ou nulo (RULLMANN; YOU, 2003):

(132)

- a. *Zuotian wo yudao le (yi) ge tongshi. Wo quing ta/*tamen chifan le.*
 ontem eu encontrar ASP umCL colega eu convidar {ele,ela}/*eles comer ASP
 ‘Ontem eu encontrei um(a) colega. Eu convidei ele(a) para jantar.’
- b. *Zuotian wo mai le (yi) ben shu. Wo BA ta/*tamen dai hui jia le.*
 ontem eu comprar ASP CL um livro eu BA ele(a)/*eles(as) trazer de volta casa ASP
 ‘Ontem, eu comprei um livro. Eu trouxe ele para casa.’

¹⁶ Não é relevante para este trabalho entrar em detalhes sobre a escolha entre um pronome e outro.

- c. *Zuotian wo mai le (yi) ben shu. Wo dai Ø hui jia le.*
 ontem eu comprar ASP um CL livro eu trazer Ø de volta casa ASP
 ‘Ontem, eu comprei um livro. Eu o trouxe para casa.’

(133)

- a. *Zuotian wo yudao le yixie tongshi. Wo qing *ta/tamen chifan le.*
 ontem eu encontrar ASP algum colega eu convidar {*ele,*ela}/eles comer ASP
 ‘Ontem eu encontrei alguns colegas. Eu os convidei para jantar.’
- b. *Zuotian wo mai le yixie shu. Wo BA *ta/tamen dai hui jia le*
 ontem eu encontrar ASP algum livro eu BA *ele/eles trazer casa ASP
 de volta
 ‘Ontem eu comprei alguns livros. Eu os trouxe para casa.’
- c. *Zuotian wo mai le yixie shu. Wo dai Ø hui jia le*
 ontem eu encontrar ASP algum livro eu trazer Ø de volta casa ASP
 ‘Ontem eu trouxe livros. Eu os trouxe para casa.’

No PB, o indefinido singular só pode ser retomado por um pronome singular, como em (134), e o indefinido plural juntamente com o plural nu só podem ser retomados por um pronome plural, como ilustrado em (135) e (136) respectivamente:

- (134) a. Eu comprei um livro, mas o/*os esqueci na loja.
 b. Eu comprei um livro, mas esqueci ele/*eles na loja.

- (135) a. Eu comprei alguns livros, mas *o/os esqueci na loja.
 b. Eu comprei alguns livros, mas esqueci *ele/eles na loja.

- (136) a. Eu comprei livros, mas *o/os esqueci na loja.
 b. Eu comprei livros, mas esqueci *ele/eles na loja.

Assim, os dados mostram que, como no chinês, os nomes nus no PB, por serem singular ou plural, só podem ser retomados por um pronome singular ou plural, como em (137).

- (137) a. João comprou livro, mas $\emptyset$ /os esqueceu na loja.
b. João comprou livro, mas esqueceu ele/eles na loja

Analisando os dados anteriores, vimos que, apesar de sentenças indefinidas com número geral possuírem as mesmas condições de verdade de sentenças com indefinido singular, elas são diferentes quanto ao efeito que causam no contexto discursivo. Esse efeito pode ser descrito em relação ao tipo de referente discursivo introduzido pelo indefinido. Enquanto o indefinido singular introduz um referente discursivo singular e o indefinido plural introduz um referente discursivo plural, o indefinido com número geral introduz um referente discursivo não especificado para número e que, portanto, pode ser selecionado por um pronome singular, plural ou nulo.

2.5 IMPLICATURAS ESCALARES

Esta seção investiga o tipo de implicatura conversacional que sentenças com indefinido nome nu e indefinido singular apresentam. O objetivo é mostrar que no PB, assim como no chinês, sentenças com indefinido nome nu apresentam implicatura conversacional diferente de sentenças com indefinido singular.

A terceira diferença entre o indefinido nome nu e o indefinido singular está no tipo de implicatura conversacional que eles apresentam. Como foi visto anteriormente, no inglês, o indefinido singular *a book* ‘um livro’ significa pelo menos um livro; a inferência de não mais que um livro feita quando a sentença em (138) é pronunciada é uma implicatura conversacional que obedece à Máxima de Quantidade de Grice (1967). É importante destacar que essa implicatura pode ser cancelada.

- (138) a. *John bought a book. In fact, he bought five books.*
 John comprou um livro. Na verdade, ele comprou cinco livros.
 ‘John comprou um livro. Na verdade, ele comprou cinco livros.’
- b. *#John bought five books. In fact, he didn’t buy a book.*
 John comprou cinco livros. Na verdade, ele não comprou um livro.
 ‘John comprou cinco livros. Na verdade, ele não comprou um livro.’

Segundo Rullmann e You (2003), expressões escalares podem ser organizadas da esquerda para a direita, de acordo com a escala Horn, em ordem decrescente de informatividade ou de força semântica:

- (139) <all, some>
 <and, or>
 <sweltering, hot, warm>
 <love, like>
 <n, ...5, 4, 3, 2, 1>

Conforme essa escala, um item da esquerda implica um item de sua direita, mas não vice-versa. Portanto, em (140) e (141), as sentenças em *a* implicam as sentenças em *b*.

(140) a. *The room is sweltering.*

a sala está sufocante

‘A sala está sufocante.’

b. *The room is hot.*

a sala está quente

‘A sala está quente.’

(141) a. *All the boys went to the party.*

Todos os meninos foram para a festa.

‘Todos os meninos foram para a festa.’

b. *Some of the boys went to the party.*

Alguns de os meninos foram para a festa

‘Alguns meninos foram para a festa.’

Por outro lado, uma expressão mais fraca da escala Horn (1989 apud ROTHSTEIN, 2007) não obtém a negação das implicaturas mais fortes. Assim, em (142) e (143), as sentenças em *a* não implicam as sentenças em *b*.

(142) a. *The room is hot.*

a sala está quente

‘A sala está quente.’

- b. *The room is not sweltering.*
 a sala está não sufocante.
 ‘A sala não está sufocante.’

- (143) a. *Some of the boys went to the party.*
 alguns de os meninos foram para a festa
 ‘Alguns meninos foram para a festa.’

- b. *Not all of the boys went to the party.*
 nem todos de os meninos foram para a festa
 Nem todos os meninos foram para a festa.’

Em inglês, um dos principais diagnósticos de Horn (1989 apud ROTHSTEIN, 2007) para a presença de implicaturas escalares envolve a expressão *in face* ‘na verdade’, que pode ser usada para sinalizar o cancelamento de implicatura:

- (144) a. *She is pretty. In fact she is beautiful.*
 ela é bonita na verdade ela é linda
 ‘Ela é bonita. Na verdade, ela é linda.’

- b. *#She is beautiful. In fact she is pretty.*
 Ela é linda na verdade ela é bonita
 ‘Ela é linda. Na verdade, ela é bonita.’

- c. *#She is pretty. In fact she is ugly.*
 Ela é bonita na verdade ela é feia
 ‘Ela é bonita. Na verdade, ela é feia.’

Em (144a), a segunda sentença é uma negação da implicatura escalar gerada pela primeira, sinalizada pela expressão *in fact* ‘na verdade’. Em (144b), a segunda sentença é uma implicatura da primeira, estando a expressão *in fact* fora de lugar. Em

(144c), a segunda sentença é uma contradição da primeira, que não pode ser cancelada.

Para Rullmann e You (2003), em chinês, a expressão *shishishang* comporta-se justamente como *in fact*, e pode ser utilizada da mesma forma como teste.

- (145) a. *Ta hen haokan. Shishishang ta hen piaoliang.*
 ela muito bonita na verdade ela muito linda
 ‘Ela é muito bonita. Na verdade ela é muito linda.’
- b. *#Ta hen piaoliang. Shishishang ta hen haokan.*
 ela muito linda na verdade ela muito bonita
 ‘Ela é muito linda. Na verdade ela é muito bonita.’
- c. *#Ta hen haokan. Shishishang ta hen chou.*
 ela muito bonita na verdade ela muito feia
 ‘Ela é muito bonita. Na verdade ela é muito feia.’

No PB, a expressão ‘na verdade’ pode ser usada como teste na medida em que se comporta exatamente como a expressão em inglês *in fact*.

- (146) a. Ela é bonita. Na verdade ela é linda.
 b. #Ela é linda. Na verdade ela é bonita.
 c. #Ela é bonita. Na verdade ela é feia.

Outro teste que também pode ser feito para diagnosticar a implicatura escalar de Horn é o uso da expressão em inglês *if not* ‘se não’. Uma construção de forma *x* se não *y* (onde *x* e *y* são partes da escala de Horn e *y* é mais forte que *x*) *serve to assert*

x while suspending the scalar implicature that y does not obtain. Como os exemplos seguintes mostram, *x* se não *y* é apenas bem formado se *y* é uma expressão mais forte que *x* na escala de Horn.

(147) a. *He is a millionaire if not a billionaire.*
 ele é um milionário se não um bilionário
 ‘Ele é um milionário se não um bilionário.’

b. *#He is a billionaire if not a millionaire.*
 ele é um bilionário se não um milionário
 ‘Ele é um bilionário se não um milionário.’

c. *#He is a millionaire if not a pauper.*
 ele é um milionário se não um pobre
 ‘Ele é um milionário se não um pobre.’

Rullmann e You (2003) mostram que em chinês existe também uma construção similar à do inglês *if not*, que funciona exatamente como no inglês:

(148) a. *Ta bu shi yiwanfuweng ye shi baiwanfuweng.*
 ele não ser bilionário pelo menos ser milionário
 ‘Ele é milionário se não bilionário.’

b. *#Ta bu shi baiwanfuweng ye shi yiwanfuwen.*
 ele não ser milionário pelo menos ser bilionário
 ‘Ele é bilionário se não milionário.’

c. *#Ta bu shi yiwanfuwen ye shi pauper.*
 ele não ser bilionário pelo menos ser pobre
 ‘Ele é pobre se não bilionário.’

No PB, a expressão que serve para diagnosticar a implicatura escalar de Horn equivalente às expressões *if not* do inglês e *ye* do chinês é a expressão ‘se não’.

- (149) a. Ele é um milionário se não um bilionário.
 b. #Ele é um bilionário se não milionário.
 c. #Ele é pobre se não bilionário.

Como no inglês, Rullmann e You (2003) defendem que, no chinês, sentenças com indefinido singular disparam implicatura escalar envolvendo não mais que uma entidade. Contudo, o mesmo não se verifica em sentenças com indefinido nome nu. Segundo esses autores, em chinês, o indefinido singular é compatível com expressões, tais como *shishishang* ‘na verdade’, que marcam o cancelamento de uma implicatura escalar, ao contrário do indefinido nome nu, como ilustram os exemplos em (150):

(150)

- a. *Zuotian wo mai le yi ben shu. Shishishang wo mai le wu ben.*
 ontem eu compra ASP um CL livro na verdade eu comprar ASP cinco CL
 ‘Ontem eu comprei um livro. Na verdade eu comprei cinco.’
- b. # *Zuotian wo mai le yi shu. Shishishang wo mai le wu ben.*
 ontem eu compra ASP um livro na verdade eu comprar ASP cinco CL
 ‘Ontem eu comprei um ou mais livros. Na verdade eu comprei cinco.’

Rullmann e You (2003) apontam, além da expressão *shishishang*, a expressão *zhunque de shuo* ‘para ser exato’, que pode ser usada para especificar o número de entidades envolvidas, mas que não cancela a implicatura escalar.

(151)

- a. *Zuotian wo mai le yi ben shu. Zhunque de shou wo mai le wu ben.*
 ontem eu compra ASP um CL livro exatamente MOD dizer eu comprar ASP cinco CL
 ‘Ontem eu comprei um livro. Para ser exato eu comprei cinco.’
- b. *#Zuotian wo mai le shu. Zhunque de shou wo mai le wu ben.*
 ontem eu compra ASP livro exatamente MOD dizer eu comprar ASP cinco CL
 ‘Ontem eu comprei um ou mais livros. Para ser exato eu comprei cinco.’

Rullmann e You (2003), utilizando a expressão *ye* equivalente à expressão em inglês *if not* ‘se não’, demonstram por meio dos exemplos em (152) que o indefinido nome nu em chinês, diferentemente do indefinido singular, não dispara a implicatura escalar ‘não mais que um’.

(152)

- a. *Ta ruguo mei you liang-ge haizi ye rou yi-ge.*
 ele se não ter dois-CL criança pelo menos ter um-CL
 ‘Ele tem uma criança, se não duas.’
- b. *#Ta ruguo mei you liang-ge haizi ye rou haizi.*
 ele se não ter dois-CL criança pelo menos ter criança
 ‘Ele tem uma ou mais crianças, se não duas.’

Entretanto, para Rullmann e You (2003), os nomes nus em chinês não disparam implicatura escalar referente a número, mas disparam implicaturas de outra natureza, como ilustram os exemplos em (153):

(153)

- a. *Ta mai le shu. Shijishang ta mai le baikequanshu.*
 ele comprar ASP livro na verdade ele comprar ASP enciclopédia
 'Ele comprou livro. Na verdade ele comprou enciclopédia.'
- b. *Ta ruguo bu shi baichi ye shi shagua.*
 ele se não ser idiota pelo menos ser tolo
 'Ele era tolo se não idiota.'

Aplicando os testes para diagnosticar implicaturas escalares em sentenças com indefinido singular no PB, observamos que, como no inglês e no chinês, sentenças desse tipo disparam implicatura escalar em que o evento envolve não mais que uma entidade, como ilustra o exemplo em (154a). Entretanto, aplicando os mesmos testes em sentenças com indefinido nome nu no PB, constatamos que, como no chinês, esse tipo de implicatura não se verifica. No PB, o indefinido singular é compatível com expressões que marcam o cancelamento de implicatura escalar, tais como 'na verdade', mas o indefinido nome nu não, como ilustra o exemplo em (154b):

- (154) a. Ontem eu comprei um livro. Na verdade eu comprei cinco.
 b. #Ontem eu comprei livro. Na verdade eu comprei cinco.

Outra expressão no PB que funciona exatamente como a expressão 'na verdade', marcando o cancelamento de implicaturas escalares, é a expressão 'para

ser mais exato'. Em (155a) o indefinido singular dispara implicatura escalar; já em (155b) o indefinido nome nu não dispara.

- (155) a. Ontem eu comprei um livro. Para ser mais exato eu comprei cinco.
b. #Ontem eu comprei livro. Para ser mais exato eu comprei cinco.

Vimos que no PB o indefinido nome nu não pode ser utilizado com expressões que marcam o cancelamento de implicaturas escalares, tais como 'na verdade' e 'para ser mais exato', porque não dispara a implicatura escalar 'não mais que um'. Esse fato pode ser demonstrado por meio da expressão 'se não' que marca o cancelamento de implicaturas escalares desse tipo. O contraste dos exemplos abaixo ilustra tal fato:

- (156) a. Ele tem um filho, se não dois.
b. #Ele tem filho, se não dois.

Assim, com base na análise dos dados, vimos que no PB, assim como no chinês, sentenças com indefinido singular disparam a implicatura escalar 'não mais que um', ao contrário de sentenças com nome nu indefinido, o que mostra que, apesar das condições de verdade serem as mesmas, sentenças com indefinido singular e sentenças com indefinido nome nu são diferentes.

2.5.1 NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA

Esta seção investiga o fenômeno da negação metalinguística (HORN, 1989 apud ROTHSTEIN, 2007; GEURTS, 1998). O objetivo é mostrar mais uma evidência de que sentenças com indefinido singular, diferentemente de sentenças com indefinido nome nu, disparam implicatura ‘não mais que um’.

Segundo Rullmann e You (2003), a negação metalinguística é o uso de negação para rejeitar uma sentença afirmativa/positiva sem, no entanto, negar as suas condições de verdade. As possíveis razões abrangem a pronúncia de sentenças, seu registro, suas pressuposições e suas implicaturas conversacionais, como demonstrado em (157). A negação metalinguística pode também ser observada no chinês e no PB, como ilustrado em (158) e (159), respectivamente:

- (157) a. *I don't like him. I love him.*
 eu não gosto dele eu amo ele
 ‘Eu não gosto dele. Eu o amo.’

- b. *She is not pretty. She is beautiful.*
 ela é não bonita ela é linda
 ‘Ela não é bonita. Ela é linda.’

- (158) a. *Wo bu zhi xihuan ta, ershi ai ta.*
 eu não apenas gostar dele, mas amar ele
 ‘Eu não gosto dele apenas eu o amo.’

- b. *Ta bu zhi haokan, ershi piaoliang.*
 ela não apenas bonita, mas linda
 ‘Ela não é apenas bonita, ela é linda.’

- (159) a. Eu não gosto dele, eu amo ele.
 b. Ela não é bonita, ela é linda.

Rullmann e You (2003) mostram em (160) que no chinês a negação metalinguística da implicatura escalar ‘não mais que um’ é possível com o indefinido singular, mas não com o nome nu. Isso é uma evidência adicional de que nomes nus não disparam implicatura escalar desse tipo. Nesse aspecto, os nomes nus no PB comportam-se da mesma maneira que os nomes nus no chinês, como ilustrado em (161):

(160)

- a. *Wo bu zhi shi mai le yi ben shu, ershi mai le wu ben.*
 eu não apenas ser comprar ASP um CL book mas comprar ASP cinco CL
 ‘Eu não comprei um livro. Eu comprei cinco.’
- b. *#Wo bu zhi shi mai le shu. ershi mai le wu ben.*
 eu não apenas ser comprar ASP book mas comprar ASP cinco CL
 ‘Eu não comprei um ou mais livros. Eu comprei cinco.’

- (161) a. Eu não comprei um livro. Eu comprei cinco.
 b. #Eu não comprei livro. Eu comprei cinco.

Rullmann e You (2003) esclarecem que o nome nu não dispara implicatura escalar sobre número em oposição ao indefinido DP porque, para disparar uma implicatura escalar, um enunciado deve conter um item lexical que seja membro da escala de Horn, que também contenha expressões alternativas fortes que o falante poderia ter usado, mas não usou. Mas o nome nu é literalmente nu: ele consiste de apenas um núcleo nominal, mas não contém nenhum morfema funcional, tais como

classificadores, numerais ou determinantes. O nome nu, como os autores assumem, é simplesmente NP sem nenhuma projeção funcional:

(162)

Fonte: Rullmann e You (2003).

O indefinido DP, contudo, tem uma estrutura funcional acima do NP. Na literatura sintática, não há consenso sobre como é a estrutura sintática interna do DP em línguas como o chinês. No entanto, com apontam Rullmann e You (2003), esses detalhes não são muito importantes, porém, por razões de concretude, os autores assumem que o DP indefinido contém pelo menos duas projeções sobre o SN: o CLP e o DP.

(163)

Fonte: Rullmann e You (2003).

Os autores adotam Krifka (1995) ao assumirem que o classificador mede o número de átomos de uma pluralidade. Adotam arbitrariamente que a quantificação existencial é realizada pelo determinante indefinido. De maneira simplificada, eles assumem que o significado do DP *(yi) zhi gou* ‘um cachorro’ é representado como em (164):

$$(164) \lambda P \exists x [\text{dog}(x) \wedge \text{card}(x) = 1 \wedge P(x)]$$

A implicatura escalar disparada pelo SD indefinido depende crucialmente da presença de um numeral. Em contrapartida, como o nome nu é indeterminado para número, não há numeral nem implicatura escalar. Para Rullmann e You (2003), é necessário que na versão de Horn, que obedece a estrutura griceana, a implicatura

escalar seja disparada por um item lexical específico da sentença, e não pelas condições de verdade.

A ausência de implicatura escalar numérica em sentenças com nome nu tem uma interessante consequência teórica em relação ao *status* do nome nu. Em chinês, o numeral *Yi* 'um' pode ser algumas vezes omitido, resultando em sintagmas nominais tais como *zhi gou* 'CL cachorro'. Yang (2001) defende que esse comportamento se deve a uma supressão bastante superficial do numeral em certas circunstâncias. Alternativamente, Rullmann e You (2003) assumem que há um numeral fonologicamente vazio com o mesmo significado de *Yi* 'um'. Entretanto, de um jeito ou de outro, como foi demonstrado anteriormente, o indefinido singular sem o numeral comporta-se como um indefinido SD com o numeral 'um', e, mais especificamente, ele dispara implicatura escalar, diferentemente do nome nu *go* 'cachorro', por exemplo. Com base nessa observação, Rullmann e You (2003) defendem que sempre que isso acontecer o numeral contará como um item lexical membro da escala Horn que dispara implicatura escalar. Assim, os autores concluem que há uma diferença crucial entre a completa ausência de numeral acompanhando o nome nu e a presença implícita ou não do numeral em SDs, tais como *zhi gou*.

2.6 RESUMO E CONCLUSÕES

Neste capítulo, analisou-se o contraste entre o indefinido nome nu no PB e o indefinido singular. Na seção 1, concluiu-se que a noção de número geral defendida por Rullmann e You (2003) para os nomes no chinês também se aplica ao PB, bem

como a representação que esses autores assumem para explicar a denotação de nomes que possuem essa propriedade. Nomes com número geral, segundo Rullmann e You (2003), diferentemente de indefinidos SDs, não são singular nem plural, são neutros para número, como defendem Müller (2001) e Schmitt e Munn (1999, 2002) para o PB. Entretanto, isso não significa que línguas que possuem número geral não possam apresentar morfema de plural. O PB é um exemplo de língua que possui número geral, classificadores numéricos e morfema de plural. Na seção 2, analisou-se as condições de verdade de sentenças com nome nu indefinido no PB e de sentenças com indefinidos singulares, e constatou-se que nesses dois tipos de sentenças elas são equivalentes. Nas seções 3, 4 e 5, contudo, três importantes diferenças semânticas e pragmáticas que caracterizam essas sentenças foram apontadas:

- (i) indefinidos singulares introduzem referentes singulares ou plurais, enquanto que nomes nus introduzem referentes neutros para número;
- (ii) indefinidos singulares disparam implicatura escalar de número, enquanto que nomes nus não;
- (iii) indefinidos singulares são quantificadores existenciais que pegam escopo largo e estreito, enquanto que nomes nus pegam apenas escopo estreito.

Assim, uma vez que o que licencia contabilidade no PB são os classificadores e a morfologia de número, a questão que surge é: qual a função desempenhada pelos classificadores e pela morfologia de número nessa língua? Esse estudo será desenvolvido no próximo capítulo.

3 A SEMÂNTICA DOS NOMES CONTÁVEIS NO PB

Rothstein (2007) defende que a distinção contável-massivo é uma distinção gramatical entre nomes que podem ser diretamente contados, por meio de um modificador numeral, e nomes que não podem. Para explicar a semântica dos nomes contáveis no inglês e no chinês, a autora assume a versão da teoria atômica dos nomes massivos proposta por Chierchia (1998a), focalizando-se na semântica do domínio contável. Enquanto geralmente se tem assumido que o domínio contável é atômico, Rothstein (2007) mostra que essa ideia é insuficiente para explicar o comportamento dos nomes contáveis, e que ela deve ser sustentada por uma teoria que dê conta da atomicidade. Segundo a autora, é preciso distinguir atomicidade formal de atomicidade natural e de atomicidade semântica.

No PB, como já demonstrado na seção 2.3 do capítulo 2, os nomes necessitam de um classificador para serem contabilizados. Em (107), repetido aqui em (165), o nome ‘tomate’ necessita de um classificador, no caso ‘unidade de’ ou ‘tipo de’ para ser modificado pelo numeral ‘um’.

(165) Este molho foi feito com um tomate especial.

‘Este molho foi feito com um tipo de tomate especial.’

‘Este molho foi feito com uma unidade de tomate especial.’

O objetivo deste capítulo é investigar **a maneira pela qual se configura a semântica dos nomes contáveis no PB no sentido proposto por Rothstein (2007).**

As hipóteses defendidas são:

- No PB, núcleos nominais não fazem distinção gramatical entre contáveis e massivos.
- No PB, classificação é uma operação de atribuição de unidade de medida ou de qualidade.
- No PB, SG/PL são operações sobre nomes classificados.
- SG, PL e operação de classificação variam entre as línguas.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira:

Na seção 1, serão apresentados os argumentos de Rothstein (2007) de que a distinção contável-massivo é uma distinção gramatical. Na seção 2, serão expostos os argumentos da autora de que a distinção contável-massivo não pode ser definida em termos de homogeneidade e cumulatividade. Na seção 3, será argumentado que o domínio massivo é um domínio atômico. Na seção 4, será sustentada a hipótese de que a distinção contável-massivo é uma distinção gramatical, tendo por base as evidências psicolinguísticas de Barner e Snedeker (2005). Na seção 5, será observado como Rothstein (2007) configura a semântica dos nomes contáveis baseada na hipótese de que atomicidade no domínio massivo é atomicidade formal, enquanto que atomicidade no domínio contável é atomicidade semântica. Na seção 6, será apresentada a noção de atomicidade natural proposta por Rothstein (2007),

propriedade de predicados com unidades individuais, que também é empregada nos domínios contáveis e massivos. Na seção 7, será analisado o comportamento do chinês com relação à teoria de Rothstein. Na seção 8, os dados do PB serão analisados. Finalmente, na seção 9, o resumo e as conclusões.

3.1 A DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO

Nesta seção, são apresentadas as evidências de Rothstein (2007) de que a distinção contável-massivo é uma distinção gramatical que independe da maneira como a matéria se estrutura, ou seja, é uma distinção é linguística e não ontológica.

Segundo Rothstein (2007), a distinção contável-massivo é uma distinção entre nomes que podem ser diretamente contados por meio de um modificador numeral, como *girl* ‘garota’, e nomes que não podem, como *mud* ‘lama’, como ilustrado em (166):

- (166) a. *three girls* (ROTHSTEIN, 2007, p. 2)
três garotas
‘três garotas’
- b. **three muds*
três lamas
‘três lamas’

c. *three kilos of mud*
 três quilos de lama
 ‘três quilos de lamas’

d. *three buckets of mud*
 três baldes de lama
 ‘três baldes de lamas’

O nome *girl* ‘garota’ é contável porque pode ser diretamente modificado pelo numeral *three* ‘três’, enquanto *mud* ‘lama’ é massivo porque pode apenas ser contado via uma expressão classificadora como *kilo* ‘quilo’ ou *bucket* ‘balde’.

De acordo com a autora, a distinção ilustrada em (168) é genuinamente gramatical com uma série de implicações linguísticas. Nomes contáveis são associados a propriedades sintáticas e morfológicas diferentes das associadas a nomes massivos. As principais propriedades, conforme Rothstein (2007), são:

I: propriedade dos nomes do inglês

- (i) nomes contáveis ocorrem com determinantes numéricos e nomes massivos não: *three chairs*/**three furniture*, três cadeiras/**três mobílias*’;
- (ii) nomes contáveis podem apresentar morfologia de plural e nomes massivos não: *chair/chairs* ‘cadeira/cadeiras’, *furniture*/**furnitures* ‘mobília/**mobílias*’;
- (iii) nomes contáveis, ao contrário dos nomes massivos, normalmente não ocorrem com classificadores: **three pieces of chair*/*three pieces of furniture*, **três peças de cadeira*/três peças de mobília’.

II: propriedade dos determinantes no inglês

- (i) alguns determinantes selecionam apenas nomes contáveis: *each/every book* ‘cada/todo livro’; *several/few/many books* ‘vários/poucos/muitos livros’; **every/*several furniture(s)*, **todas/*várias mobília(s)*;
- (ii) alguns determinantes selecionam apenas nomes massivos: *little/much water*, ‘pouca/muita água’; **little/*much book(s)*, ‘*pouco/muito livro(s)’;¹⁷
- (iii) alguns determinantes selecionam apenas nomes massivos e plurais: *a lot of/plenty of wine* ‘muito/em abundância vinho’; *a lot of/plenty of books*, ‘muitos/em abundância livros’; **a lot of/*plenty of book*, ‘*muitos/*em abundância livro’;
- (iv) alguns determinantes não têm restrições: *the/some book(s)*, ‘o(os)/um(ums) livro(s)’; *the/some water*, ‘a/uma água’.

Rothstein (2007) esclarece que essas propriedades nem sempre aparecem em todas as línguas que distinguem nomes contáveis de massivos, e que determinantes comportam-se de maneira diferente em diferentes línguas. Desse modo, como Borer (2005), Chierchia (1998a) e outros, a autora assume que a distinção contável-massivo é uma distinção gramatical que independe da estrutura de matéria e apresenta os cinco argumentos de Chierchia (1998a) que apoiam essa ideia:

- (i) Entidades que vêm em unidades naturais de igual proeminência perceptual podem em uma mesma língua ser contáveis ou massivas, como, por exemplo,

¹⁷ No PB, construções do tipo ‘pouco/muito livro’ são boas.

em inglês, *rice* ‘arroz’ é massivo, enquanto *lentil/lentils* ‘lentilha/lentilhas’ é contável.

(ii) Em uma mesma língua existem pares de sinônimos, ou quase sinônimos, onde um elemento do par é contável e o outro é massivo:

- inglês: *shoes/footwear* ‘calçado’, *coins/change* ‘moeda’, *carpets/carpeting* ‘carpete’, *hair/hairs* ‘cabelo’, *rope/ropes* ‘corda’, *stone/stones* ‘pedra’;
- holandês: *de meubel* ‘a peça de mobília’, *het meubilair* ‘a mobília’;
- hebreu: *rehit/rihut* ‘mobília’, *batzal/batzalim* ‘a mobília’.

(iii) Expressões contáveis em uma língua são massivas em outra. Em inglês, *chalk* ‘giz’ é massivo, mas em hebreu *giyr* é contável;

(iv) Paralelos de sinônimos contável-massivo são usados diferentemente entre as línguas:

- inglês: *hair/hairs* ‘cabelo/cabelos’
- italiano: *capello/capelli* ‘cabelo/cabelos’

Enquanto em inglês fala-se em cortar cabelo usando o nome massivo, em italiano usa-se o nome contável plural:

- (167) a. *I cut my hair/ * my hairs.* inglês
 eu cortei meu cabelo/ *meus cabelos
 ‘Eu cortei meu cabelo/*Eu cortei meus cabelos.’
- b. *Mi sono tagliato i capelli/ /*capello.* italiano
 eu cortei meu cabelos/ /*cabelo
 ‘Eu cortei meu(s) cabelos/cabelo.’

(v) Algumas línguas, como o chinês, têm apenas nomes que se comportam como nomes massivos, usos contáveis requerem classificadores. Em (168), por exemplo, *xíong* 'urso' é um nome massivo que ao expressar número requer um classificador (cf. KRIFKA, 1995):

- (168) a. *san zhi xíong*
três CL urso
'três ursos' (indivíduos)
- b. *san qún xíong*
três cabeça urso
'três cabeças de urso' (indivíduos)
- c. *san zhong xíong*
três CL urso
'três ursos' (espécie)

Segundo Rothstein (2007), essas diferenças linguísticas mostram que enquanto a distinção contável-massivo pode ser claramente influenciada pela estrutura de matéria, ela não é determinada a partir dela. Então a questão é saber o que está na raiz da distinção contável-massivo, assunto tratado na próxima seção.

3.2 A RAIZ DA DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO

Nesta seção, são expostos os argumentos de Rothstein (2007) de que a distinção contável-massivo não pode ser definida em termos de homogeneidade e cumulatividade.

Tradicionalmente a literatura considera existência de dois domínios diferentes para explicar a distinção contável-massivo no sistema nominal, um atômico e outro não atômico. Rothstein (2007) aponta o modelo de Link (1983) como um exemplo desse tipo de tradição.

No modelo de Link (1983), nomes contáveis possuem um domínio atômico e nomes massivos um domínio não atômico. Nesse modelo, o autor defende que um nome contável singular denota um conjunto de átomos, que um nome contável plural denota um conjunto de átomos e suas pluralidades, e que um nome massivo denota toda a matéria do mundo contida na denotação desse nome e porções dessa matéria, que se dividem em novas partes sem que nunca átomos sejam obtidos.

Para Rothstein (2007), esse tipo de representação de domínio contável e massivo expressa diretamente a distinção entre predicados contáveis e massivos, definidos em termos de cumulatividade e homogeneidade propostos por Krifka (1989).

(169) Cumulatividade:

P é cumulativo sse $x \in P$ and $y \in P$ e $\neg x = y$ então $x \cup y \in P$

“ P é um predicado cumulativo se, e somente se, sempre que x e y forem distintos e ambos tiverem a propriedade P a soma de x e y também terá a propriedade P .”

(170) Homogeneidade:

x é homogêneo se para todo $x \in P$, e para todo y : $y \subseteq x \wedge \neg y = x \rightarrow y \in P$.

“ P é um predicado homogêneo, se, e somente se, sempre que x tiver a propriedade P e y for uma parte de x , y também terá a propriedade P .”

Segundo a autora, é fácil ver no domínio massivo que a denotação de um predicado massivo é cumulativa e homogênea, assim como no domínio contável, que a denotação de um predicado contável é não homogênea. No domínio massivo, um nome massivo denota a junção de suas partes. Assim, para quaisquer dois elementos em um domínio não atômico L , a junção ou as partes desses elementos também está em L . No domínio contável, um nome contável singular denota um conjunto C de átomos, isto é, os elementos mínimos do domínio. Assim, a soma de dois elementos ou as partes deles não podem, por definição, estar em C .

Entretanto, Rothstein (2007) explica que defender que a homogeneidade e a cumulatividade caracterizam nomes massivos, mas não contáveis, causa alguns problemas.

Primeiro, predicados como *salt* ‘sal’ ou *rice* ‘arroz’ têm partes atômicas. As menores entidades de sal e arroz podem ser divididas em partes que não são sal e arroz, então *salt* e *rice* não são predicados completamente homogêneos.

Segundo, nem todo nome massivo é intuitivamente homogêneo, em particular o grupo de nomes massivos que são algumas vezes chamados de *quasi-kind*, como *cutlery* (UE)/*silverware* (US) ‘talher’ ou *furniture* ‘mobília’. A perna de uma cadeira não é uma mobília, nem os parafusos que prendem a perna da cadeira, mesmo sendo parte das coisas que contam como mobília. Pernas da cadeira não contam como

mobília porque elas são partes dos elementos mínimos de uma mobília, assim como átomos de hidrogênio fazem parte dos elementos mínimos de água.

Terceiro, há nomes contáveis que são homogêneos. Para Rothstein (2007), nomes contáveis, tais como *fence* 'cerca', *line* 'linha', *plane* 'planície', *sequence* 'sequencia', *twig* 'ramo' e *bouquet* 'buquê', são nomes contáveis homogêneos, pois partes desses nomes são em si mesmas *fence*, *line*, *plane*, *sequence*, *twig* e *bouquet*, respectivamente. A soma de duas cercas, por exemplo, está na denotação de cerca no contexto em que a soma de duas partes de cerca pode ser tratada como uma singularidade.

Quarto, a homogeneidade é uma propriedade do mundo real. Segundo Rothstein (2007), a homogeneidade não é uma propriedade semântica, o que a faz não capturar a independência da distinção contável-massivo da estrutura de matéria. *Cat* não é um predicado homogêneo, porque uma parte de gato não é gato, mas isso não é uma propriedade semântica por si, mas uma reflexão sobre o nosso conhecimento de mundo sobre o que seja um gato.

Assim, Rothstein (2007) conclui que nem homogeneidade nem cumulatividade podem ser critérios para distinguir entre nomes contáveis e massivos. Isso implica que a distinção também não pode ser capturada dizendo que o domínio contável é atômico e o massivo é não atômico. Essa questão será discutida na próxima seção.

3.3 O DOMÍNIO MASSIVO É UM DOMÍNIO ATÔMICO

Nesta seção, são apresentados os argumentos de Rothstein (2007) de que não só o domínio contável é atômico, mas também o domínio massivo. Para efeito de ilustração, a autora aponta a teoria dos nomes massivos de Chierchia (1998a) como um modelo de teoria que trata o domínio massivo como um domínio atômico.

Rothstein (2007), observando que nomes contáveis e massivos podem denotar a mesma coleção de objetos no mundo, como, por exemplo, *carpets/ the carpeting*, defende que o que caracteriza a distinção entre nomes contáveis e massivos não são as propriedades da denotação do nome em si mesmo, mas como os nomes nos permitem referir às coisas. A autora assume que tanto o domínio massivo quanto o contável são atômicos. Para tanto, a autora assume a teoria dos nomes massivos de Chierchia (1998a).

Chierchia (1998a), assumindo que tanto os nomes contáveis quanto os massivos possuem um domínio atômico, defende que um nome contável singular denota um conjunto de singularidades, que um nome contável plural denota um conjunto pluralidades e que um nome massivo denota um conjunto de átomos e pluralidades gramaticalmente singular.

Rothstein (2007), entretanto, assume o modelo de Chierchia (1998a) para explicar a denotação dos nomes, sem, no entanto, assumir a denotação dos nomes contáveis plurais. Diferentemente, a autora assume que nomes contáveis plurais denotam, assim como nomes massivos, um conjunto de átomos e pluralidades, com uma única diferença: os primeiros denotam um conjunto de átomos gramaticalmente

acessíveis e os últimos denotam um conjunto de átomos não acessíveis gramaticalmente. Rothstein (2007) aponta, em (171), os exemplos de Gillon (1992) que demonstram os efeitos linguísticos de tal fato:

- (171) a. *The curtains and the carpets resemble each other.*
as cortinas e os tapetes assemelham-se uns aos outros.
'As cortinas e os tapetes assemelham-se uns aos outros.'
- b. *The curtaining and the carpeting resemble each other.*
a cortina e a tapeçaria assemelham-se uma a outros.
'A cortinaria e a tapeçaria assemelham-se uma a outra.'

A sentença (171a) é ambígua entre a leitura de que os tapetes assemelham-se entre si e as cortinas também e a leitura de que os tapetes assemelham-se às cortinas e vice-versa. Em (171b), apenas a segunda leitura é possível, isso porque no domínio massivo o conjunto de átomos em *curtaining* e *carpeting* não é acessível a uma operação de reciprocidade.

Assim, Rothstein (2007), seguindo Chierchia (1998a), trata os nomes massivos como uma soma de átomos, generalizando formalmente tanto a denotação contável quanto a massiva como denotações atômicas, excluindo qualquer representação semântica de homogeneidade de seu domínio. Na próxima seção, serão apresentadas mais evidências em favor dessa hipótese.

3.4 EVIDÊNCIAS DE BARNER E SNEDEKER (2005)

Nesta seção, são apresentadas as evidências psicolinguísticas de Barner e Snedeker (2005), que sustentam a hipótese de Rothstein (2007) de que a homogeneidade e a cumulatividade não podem ser consideradas como critério para se estabelecer a distinção contável-massivo.

Rothstein (2007) defende que o que é relevante para o julgamento de quantidade não é relevante para a expressão linguística de número. Para chegar a essa conclusão, a autora observou os resultados dos experimentos de Barner e Snedeker (2005) sobre os julgamentos de adultos e crianças, a respeito da questão “Quem tem mais X?”, em que foram consideradas as seguintes circunstâncias:

- (a) X é um nome massivo de substância como *mud* ‘lama’
- (b) X é um nome massivo de espécie como *furniture* ‘mobília’
- (c) X é um ‘nome flexível’ como *stone/stones* ‘pedra/pedras’

As questões foram perguntadas, aos sujeitos do experimento, quando foram apresentadas gravuras com quantidades de entidades relevantes. Os resultados foram os seguintes:

Resultado I: Na primeira situação, os julgamentos variavam dependendo da quantidade de matéria. Um bolo grande de lama foi considerado pelos investigados como tendo mais lama do que três porções pequenas de lama.

Resultado II. Na segunda situação, os julgamentos variaram de acordo com o número de entidades. Três cadeiras pequenas foram consideradas mais móveis do que uma cadeira grande, mesmo quando o volume da cadeira era maior do que o volume das três cadeiras pequenas.

Resultado III. Na terceira situação, os julgamentos variavam dependendo da sintaxe do nome. Como estímulo foi utilizada uma gravura com três pedras pequenas e uma com uma pedra grande, em que o volume da pedra grande era maior do que o volume das três pedras pequenas. Quando a questão foi perguntada utilizando o nome contável, as três pedras pequenas foram consideradas pelos investigados como tendo mais pedra do que a pedra grande. Quando a questão foi perguntada utilizando o nome massivo a pedra grande era considerada pelos investigados como tendo mais pedra do que as três pedras pequenas.

Segundo Barner e Snedeker (2005), os resultados I e II mostram que alguns nomes massivos denotam indivíduos, enquanto outros não. Os primeiros são denominados, pelos autores, de *kind-mass* e os últimos de *substance-mass*, também denominados por outros autores de *superordinates*. O resultado III mostra que a sintaxe contável-massivo influencia nos julgamentos e que ‘nomes flexíveis’ só denotam conjuntos de indivíduos quando são usados como nomes contáveis.

Nesse sentido, com base nesses resultados, Rothstein (2007) defende que o que é relevante para o julgamento de quantidade não é relevante para expressar linguisticamente número, ou seja, que mesmo podendo contar implicitamente indivíduos na denotação de nomes massivos, porque as unidades são salientes, não é possível contá-las gramaticalmente.

3.5 UMA DIREÇÃO PARA EXPLICAR A SEMÂNTICA DOS NOMES CONTÁVEIS

Nesta seção, são apresentadas as evidências que levaram Rothstein (2007) a tratar os nomes contáveis como um mecanismo de contagem gramatical. O objetivo é mostrar como a autora configura a semântica dos nomes contáveis.

Rothstein (2007) observa que há nomes que possuem denotação atômica, mas não podem ser contados gramaticalmente, e há nomes que podem ser contados gramaticalmente, mas não possuem denotação atômica.

Para o primeiro caso há duas evidências. A primeira provém do fato de que enquanto os resultados de Barner e Snedeker (2005) mostram que a resposta à pergunta “Quem tem mais mobília?” era determinada comparando a cardinalidade dos dois conjuntos de entidades, mesmo assim, em inglês, não são permitidas sentenças como (172a,b):

- (172) a. *#John has three furnitures.* (ROTHSTEIN, 2007, p. 11)
 John tem três mobílias
 ‘John tem três mobílias.’
- b. *#John has three furnitures. more than Bill.*
 John tem três mobílias a mais que Bill.
 ‘John tem três mobílias a mais que Bill.’

A segunda evidência provém do comportamento de alguns modificadores adjetivais. Em chinês, nomes nus não são contados diretamente, eles sempre precisam de um classificador, como mostra o contraste de gramaticalidade em (173):

(173) a. *liang ge pingguo* (ROTHSTEIN, 2007, p. 11)
 duas CL maçã(s)
 ‘duas maçãs’

b. **liang pingguo*
 duas maçã(s)
 ‘duas maçãs’

Rothstein (2007) aponta, entretanto, que esse comportamento não significa que em chinês não haja nomes que possuam unidade individual saliente passível de modificação. Em (174), o modificador ‘grande’ só pode modificar um nome massivo, como *water* ‘água’, se ele estiver acompanhado de um classificador, como ilustra o contraste de gramaticalidade em (174a,b), mas pode modificar um nome contável estando ou não acompanhado de um classificador, como em (175a,b).

(174) a. *liang da bei shui* (ROTHSTEIN, 2007, p. 11)
 dois grande Cl-copo água
 ‘dois grandes copos de água’

b. **liang bei da shui*
 dois Cl-copo grande água
 ‘dois copos grandes de água’

Em (175a,b), mesmo que *pingguo* ‘maçã(s)’ não possa ser diretamente contada em chinês, o nome denota átomos cuja unidade estrutural pode ser modificada.

- (175) a. *liang ge da pingguo*
 dois CL grande maçã(s)
 ‘duas grandes maçãs’
- b. *Wo mai le da pingguo*
 eu comprar ASP grande maçã(s)
 ‘Eu comprei grandes maçãs.’

Com relação aos nomes que podem ser contados gramaticalmente, mas não possuem denotação atômica, Rothstein (2007) aponta *twig* ‘galho’, *sequence* ‘sequência’, *line* ‘linha’, *fence* ‘cerca’ e *wall* ‘parede’. Tais nomes precisam de um contexto para determinar o que contar como unidade na denotação do predicado singular. Isso porque as entidades na denotação desses nomes podem ser diretamente contadas, mesmo quando o que contar como singular não é determinado singularmente. Como exemplo, a autora cita o fato de que um buquê de flores pode ser dividido, passando a ser um buquê dividido ou dois buquês de flores.

Dessa maneira, Rothstein (2007) conclui que a distinção contável-massivo não deve ser explicada em termos de referência das coisas, mas em termos de como as expressões referem, o que quer dizer que, embora haja uma forte tendência para que objetos individuais sejam denotados por nomes contáveis e matéria seja denotada por nomes massivos, denotar entidades individuais não é condição necessária nem suficiente para que um nome seja contável.

Consequentemente, Rothstein (2007) propõe que nomes contáveis resultam de um mecanismo de contagem gramatical que requer um domínio que especifique propriedades semânticas. Segundo a autora, esse mecanismo é chamado de Átomo Medido, ou Átomo-M, e opera sobre a denotação da raiz nominal que seleciona um

conjunto de átomos de medida, isto é, um conjunto de elementos que contam como átomo uma unidade especificada de medida. Tais elementos são denominados **átomos semânticos** e são lexicalmente acessíveis.¹⁸

Com relação aos nomes massivos, Rothstein (2007) defende, assumindo Chierchia (1998a), que eles denotam átomos e pluralidades. Para nomes massivos, como *furniture* ‘mobília’, os átomos são as peças de mobília, que são denominados de **átomos formais**. Esses átomos não são acessíveis lexicalmente, pois não há um item lexical que denote exatamente o seu conjunto. Para nomes massivos, como *mud*, os átomos são quantidades mínimas relevantes de lama e o que conta como um átomo é vago ou é dado pelo contexto, não sendo também, como *furniture*, lexicalmente acessíveis. No primeiro caso, a autora explica que a impossibilidade de contagem está ligada à não especificidade do critério de escolha do conjunto de átomos, e, no segundo, à inerente vagueza dos átomos. Em outras palavras, o que Rothstein (2007) defende é:

- **Raiz nominal** denota conjunto de átomos e pluralidades.
- **Nomes massivos** denotam o mesmo que a raiz nominal.
- **Nomes contáveis** resultam da aplicação da operação Átomo-M à raiz nominal, que resulta em um conjunto de Átomos-M.

A operação Átomo-M faz uso de uma função de medida M. M é uma função de indivíduos que retoma um par ordenado, onde o primeiro indivíduo é um número natural e o segundo é uma unidade de medida que necessita ser fixada, podendo variar em função do contexto. Por exemplo, nomes como *boy* ‘garoto’ o que conta

¹⁸ Átomo medido ou Átomo-M, no original *Measured Atoms*, ou *M-Atomo*.

como um menino não depende do contexto, mas nomes como *fence* ‘cerca’ a escolha da unidade de medida varia de contexto para contexto.

A seguir tem-se a representação formal da função Átomo-M. Essa função aplicada a um predicado N retoma o conjunto de elementos desse predicado que conta como 1 (uma) unidade U, dada pela função de medida M. Essas unidades não têm partes em comum, logo os átomos dados pela função Átomo-M não se sobrepõem.

(176)

$$\text{ÁTOMO-M}(N) = \lambda x. N(x) \wedge M(x) = \langle 1, U \rangle$$

Se $M(x) = M(y) = \langle 1, U \rangle$ e $\neg x = y$, então $x \cap y = \emptyset$.

Fonte: Rothstein (2007).

As formações de nomes contáveis e massivos são dadas de forma diferente. Formalmente, Rothstein (2007) representa a diferença entre um nome contável e um nome massivo da seguinte maneira:

(177)

Nome massivo: $\lambda x. P(x)$

Nome contável: $\lambda x. P(x) \wedge M(x) = \langle 1, U \rangle$

Fonte: Rothstein (2007).

Assim, podemos dizer que:

- **Nomes nus** são raízes nominais e denotam um conjunto de átomos e pluralidades.
- **Nomes massivos** são equivalentes aos nomes nus e para serem contados precisam de um classificador, que pode ser entendido como uma expressão direta da operação Átomo-M. O classificador ‘unidade de’ é o classificador mais neutro, como pode ser observado em (178):

(178) *I bought 10 units of furniture.* (ROTHSTEIN, 2007, p. 15)
 eu comprei 10 unidades de mobília
 ‘Eu comprei 10 unidades de mobília.’

- **Nomes contáveis singulares** denotam um conjunto de Átomos-M.
- **Nomes contáveis plurais** denotam um conjunto formado pela soma de Átomos-M.

Rothstein (2007) propõe ainda a existência de duas classes de nomes contáveis. Segundo a autora, intuitivamente, há aqueles que denotam e aqueles que não denotam coisas que são inerentemente individuais.

Nomes que denotam coisas que são inerentemente individuais são os que são tipicamente vistos como não homogêneos, denominados por Rothstein (2007) de **átomos naturais**. Em nomes desse tipo as unidades de medida são determinadas pela estrutura atômica natural de matéria. O que contar como 1P é parte do nosso conhecimento do que seja 1P. Assim, o valor para U é fornecido pelo significado do predicado. Aplicando Átomo-M a *boy* ‘garoto’ temos a expressão em (179):

(179)

$$\begin{aligned} //boy_{cont} // &= \text{Átomo-M} (//boy_{raiz} //) \\ &= \lambda.x . boy (x) \wedge M (x) = (1, boy) \end{aligned}$$

Fonte: Rothstein (2007).

Por outro lado, nomes que não são inerentemente individuais têm sua unidade de medida contextualmente determinada. Como U é contextualmente determinado, ele pode ter diferentes valores em diferentes contextos. Aplicando *Átomo-M* à *fence* ‘cerca’, temos a expressão em (180), em que U é uma variável a ser contextualmente determinada:

(180)

$$\begin{aligned} //fence_{cont} // &= \text{Átomo-M} (//fence_{raiz} //) \\ &= \lambda.x . fence (x) \wedge M (x) = (1, U) \end{aligned}$$

Fonte: Rothstein (2007).

Como em nomes como *fence* ‘cerca’ as unidades são determinadas pelo contexto, o conjunto de *Átomos-M* na denotação desse nome pode, mas não necessariamente, ser idêntico ao conjunto de átomos da raiz nominal. Desse modo, dada uma raiz que denote o domínio (181), o conjunto de *Átomos-M* de *fence* ‘cerca’ pode ser {a,b,c} ou {a, bUc} ou {aUb, c} ou {aUc,b} ou {aUbUc}.

(181)

Fonte: Rothstein (2007).

Nesse sentido, a denotação do plural de *fence* ‘cerca’ depende da escolha dos Átomos-M. Se o conjunto de Átomos-M é idêntico ao conjunto de átomos da denotação da raiz nominal, então o plural *fences* ‘cercas’ terá a mesma denotação que a raiz nominal, mas, se a escolha dos átomos são, por exemplo, $\{a, b \cup c\}$, então o plural do nome será o conjunto dos átomos e suas pluralidades, isto é, $\{a, b \cup c, a \cup b \cup c\}$.

Segundo Rothstein (2007), isso permite manter a explicação de Chierchia (1998a) sem que se assuma que singularidades não estão na denotação do nome plural e sem sermos forçados a concluir que nomes contáveis plurais e massivos, necessariamente, têm a mesma denotação. Tudo isso porque, assumindo que um nome massivo denota um conjunto P , um nome contável singular denotará um conjunto $\text{Átomo-M}(P)$ e o plural, um conjunto de $\text{Átomo-M}(P)$ e suas pluralidades. Esse conjunto de entidades plurais será idêntico a P somente quando $\text{Átomo-M}(P)$ for idêntico ao conjunto de átomos de P .

Em resumo, para Rothstein (2007) o domínio massivo é básico porque nomes contáveis são o resultado da aplicação da operação Átomo-M à raiz nominal. A operação Átomo-M aplica-se aos nomes massivos e seleciona um conjunto de

Átomos-M de acordo com um critério apropriado de medida. Crucialmente, enquanto domínios contáveis e massivos são formalmente atômicos, como massivos e plurais nus possuem a mesma denotação, apenas os átomos no domínio contável contam como átomos semânticos. Portanto, como a gramática de contagem reconhece apenas os átomos semânticos como entidades contáveis, apenas nomes contáveis denotam elementos que podem ser diretamente contados.

3.6 ATOMICIDADE NATURAL

Nesta seção, é introduzida a noção de atomicidade natural proposta por Rothstein (2007), propriedade de predicados com unidades individuais que também é empregada nos domínios contáveis e massivos.

Rothstein (2007) defende que atomicidade natural é a propriedade que o predicado tem de os elementos em sua denotação serem unidades naturais individuais. Atomicidade natural não é um traço que pode ser atribuído positivamente ou negativamente, mas sim uma propriedade que um predicado tem de uma ou de outra forma. Abaixo segue a definição formal de atomicidade natural proposta por Rothstein (2007):

- (182) Um predicado é naturalmente atômico se a função Átomo-M (N) é uma função constante.

Essa definição formal representa o caso em que a função Átomo-M(N) é idêntica a uma função de átomos da raiz nominal. Ela inclui os nomes contáveis em que a variável U é especificada por um predicado próprio.¹⁹

Dada a definição de atomicidade natural, alguns casos surgem como átomo natural, por exemplo, Átomo-M (copo) é uma função constante, enquanto que outros não, como, por exemplo, o Átomo-M (cerca).

Em relação à atomicidade formal e semântica, Rothstein (2007) explica que a atomicidade natural sobrepõe-se à atomicidade formal e semântica, mas todas as três noções são distintas e devem ser definidas independentemente.

3.7 MANDARIN CHINESE

Nesta seção, é apresentado o comportamento do chinês frente à proposta de Rothstein (2007).

A explicação de Rothstein (2007) sobre a semântica dos nomes contáveis estende-se naturalmente para as línguas que não fazem gramaticalmente a distinção contável-massivo entre núcleos nominais. Nessas línguas, geralmente, assume-se que classificadores são necessários para tornar todos os nomes contáveis. Em chinês, por exemplo, *pingguo* 'maçã(s)' não pode ser modificado por um numeral sem um classificador, como ilustra o contraste de gramaticalidade em (183):

¹⁹ Essa função pode ser aplicada, em princípio, a uma raiz nominal para saber se a língua permite, ou não, ao nome uma realização contável, para que possa ser usada como teste para determinar se o nome massivo é também naturalmente atômico.

- (183) a. **liang pingguo* (ROTHSTEIN, 2007, p. 19)
 duas maçã(s)
 ‘duas maçãs’
- b. *liang ge pingguo*
 duas CL maçãs
 ‘duas maçãs’

Rothstein (2007) dá um conteúdo semântico explícito para esses classificadores por assumir que, enquanto línguas do tipo do inglês permitem que a operação Átomo-M seja introduzida implicitamente, resultando em um nome contável, línguas como o chinês exigem que a operação Átomo-M seja introduzida explicitamente. Assim, para a autora, classificadores são expressões lexicais da operação Átomo-M que introduzem a operação singular e diferentes unidades de medida. Dessa maneira, em geral //classificador (N)//= Átomo-M(N), com o classificador especificando a unidade de medida.

Para Rothstein (2007), o fato crucial é que há diferenças gramaticais entre classificadores contáveis e massivos. Em particular, classificadores massivos podem ocorrer seguidos por *de*, enquanto que classificadores contáveis não podem. Os contrastes são dados em (184-185):

- (184) *san bang de rou* (ROTHSTEIN, 2007, p. 20)
 três CL-libras de carne
 ‘três libras de carne’
- (185) **shi zhang de zhuozi*
 dez CL de mesa
 ‘dez mesas’

Com isso, *de* parece seguir apenas classificadores que não são naturalmente atômicos. Desse modo, Rothstein (2007) defende que os classificadores contáveis são os que denotam uma função Átomo-M, em que a unidade de medida depende da estrutura atômica natural das entidades denotadas pelo nome, e os massivos são os que denotam uma função Átomo-M, em que a unidade de medida é dada pelo contexto.

A existência desses dois tipos de classificadores indica que mesmo as línguas que não têm distinção entre nomes contáveis e massivos devem encontrar um conceito de atomicidade natural gramaticalmente relevante, no sentido que existem operações gramaticais que são sensíveis a esse conceito. Para Rothstein (2007), isso é o que se espera se a atomicidade natural for um conceito que não é em si mesmo linguístico, mas que a gramática da língua faz uso dele, não importa se a função Átomo-M é introduzida implícita ou explicitamente.

3.8 O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os nomes no PB, para se tornarem contáveis no sentido empregado por Rothstein (2007), precisam de um mecanismo de contabilidade gramatical. No entanto esse mecanismo não é o mesmo proposto pela autora para o chinês e para o inglês.

O PB, como já foi visto, é uma língua em que os núcleos nominais não fazem gramaticalmente distinção entre contáveis e massivos, apresentando uma denotação

neutra para número, como pode ser verificado em (71) e (79), repetidas em (186) e (187):

(186) Ontem, eu comprei **livro**.

(187) Ontem, eu comprei **ouro**.

Em línguas desse tipo, Gil (1987), Chierchia (1998a) e outros defendem que classificadores são necessários diante de determinantes numéricos. No PB, como já demonstrado no capítulo anterior, isso também se verifica, com uma única diferença, no PB, nem todo nome necessita de um classificador explícito nessas situações. Em (188), ‘livro’ não necessita; já em (189), ‘vinho’ necessita.

(188) Ontem eu comprei dois **livros**.

(189) João comprou dois **litros de vinho**.

No PB, os nomes que não necessitam de um classificador explícito diante de determinantes numéricos apresentam contraste singular/plural, ao passo que os que necessitam não apresentam tal contraste, como exemplificado em (190) e (191), respectivamente.

(190) João comprou uma **cadeira/*cadeiras**.

(191) João comprou um litro de **vinho/*vinhos**.

Diante desses fatos, surge a seguinte questão: como os nomes no PB comportam-se com relação à teoria de Rothstein (2007)?

Para Rothstein (2007), os nomes são raízes nominais que se tornam contáveis por meio de uma operação gramatical denominada Átomo-M. A operação Átomo-M envolve um par ordenado onde o primeiro indivíduo é um número natural e o segundo é uma unidade de medida que não necessita ser fixada, podendo variar em função do contexto. Segundo a autora, em línguas como o inglês, a operação Átomo-M representa o nome singular, e, em línguas como o chinês, os classificadores.

Se o PB seguisse as previsões de Rothstein (2007), por um lado, como não faz distinção gramatical entre núcleos contáveis e massivos, poderíamos dizer que, como no chinês, os classificadores representariam a operação Átomo-M. Por outro lado, como o PB apresenta contraste singular/plural, o singular representaria tal operação. Entretanto, se, segundo Rothstein (2007), classificação e singularização resultam de uma mesma operação, a operação Átomo-M, como, então, derivar a contabilidade dos nomes no PB?

Uma vez que, no PB, há número geral, sistema de classificação e marcação de número, defende-se que, nessa língua, classificação e singularização são operações distintas. Enquanto que para o chinês Rothstein (2007) defende que o sistema de classificação atribui unidade de medida e número singular, no PB, defende-se que o sistema de classificação atribui apenas unidade de medida. No PB, os classificadores têm a função de atribuir unidade de medida às denotações dos nomes que eles acompanham, sem, no entanto, torná-las contáveis.

Em (194), a raiz nominal 'cadeira', encontra-se no sintagma nominal contável 'uma cadeira' que possui um classificador implícito, o classificador 'unidade de'. Esse classificador é um classificador geral que acompanha, principalmente, os nomes que

apresentam átomos naturais em suas denotações. Sua função é apenas de atribuir unidade de medida à denotação do nome que ele acompanha, o que não exclui a possibilidade de o PB apresentar contraste singular/plural.

(192) João comprou uma **cadeira**.

‘João comprou uma unidade de cadeira’.

Portanto, uma vez que no PB classificação não é o mesmo que singularização, defende-se que o que torna os nomes contáveis nessa língua são as operações de classificação e marcação de número. No PB, diferentemente do que Rothstein (2007) prevê para o inglês, singular não é uma operação Átomo-M que atribui unidade de medida e número singular. Ele é uma operação que atribui apenas número singular, isto é, extrai os indivíduos atômicos de uma denotação já individualizada. E plural não é uma operação sobre o singular como Rothstein (2007) prevê para o inglês, ele é uma operação que extrai as somas de dois ou mais indivíduos de uma denotação já individualizada.

Uma evidência para o fato de que no PB as operações de classificação não introduzem singularização é que no PB os sintagmas classificados podem ser neutros para número. Em (197), o sintagma classificado ‘cachos de uva-passa seco’ é neutro para número.

(193) João vende **cachos de** uva-passa seco.

No PB os classificadores, assim como no chinês, podem ser contáveis ou massivos. São contáveis quando apenas acompanham nomes que possuem unidade atômica natural, como em (194). Em (194) o classificador ‘unidade de’ vem implícito porque é um classificador geral e a marcação de número vem no nome. São massivos quando acompanham nomes que não possuem unidade atômica natural, como em (195). Nesses casos, são explícitos e marcados para número.

(194) João comprou duas (unidade de) maçãs.

(195) João comprou duas **garrafas de** vinho.

A existência desses dois tipos de classificadores e do contraste singular/plural indica que no PB o conceito de atomicidade natural é gramaticalmente relevante, no sentido de que essas operações gramaticais são sensíveis a ele.

Assim, como Rothstein (2007) defende para o inglês e para o chinês, defende-se no presente trabalho que os nomes contáveis no PB resultam de operações gramaticais, mas, contra a autora, defende-se que singularização e classificação não desempenham as mesmas operações. No PB, classificação, singularização e pluralização são operações diferentes entre si. A primeira tem função de atribuir unidade de medida, e a segunda e a terceira têm a função de atribuir número. Portanto, defende-se que nomes contáveis no PB, no sentido proposto por Rothstein (2007), resultam de dois mecanismos gramaticais: classificação e marcação de número; sendo a classificação uma operação necessária, mas não suficiente para tornar os nomes contáveis.

3.7 RESUMO E CONCLUSÕES

Neste capítulo, vimos a proposta de Rothstein (2007) para a denotação dos nomes contáveis no inglês e no chinês e analisamos os dados do PB frente a essa proposta. Na seção 1, analisamos a proposta de Rothstein (2007) que assume que a distinção contável-massivo é uma distinção gramatical devido aos seguintes fatos apontados por Chierchia (1998a): (i) Entidades com unidades naturais semelhantes, em uma mesma língua, podem ser denotadas por nomes contáveis ou massivos; (ii) A existência, em uma mesma língua, de pares de sinônimos, ou quase sinônimos, em que um elemento do par é contável e o outro é massivo; (iii) Expressões contáveis em uma língua são massivas em outra; e (iv) Paralelos de sinônimos contável-massivo são usados, diferentemente entre as línguas. Na seção 2, descartamos a possibilidade de definir a distinção contável-massivo em termos de homogeneidade e cumulatividade por constatarmos, como Rothstein (2007), que existem nomes massivos que não são completamente homogêneos, como ‘sal’, e nomes contáveis que são homogêneos, como ‘cerca’. Na seção 3, assumimos que o domínio massivo é um domínio atômico dada a existência de nomes contáveis e massivos que podem denotar a mesma coleção de objetos no mundo, como, por exemplo, *carpets* / *the carpeting*, em inglês. Na seção 4, com base na observação dos experimentos psicolinguísticos de Barner e Snedeker (2005), assumimos que o que é relevante para o julgamento de quantidade não é relevante para a expressão linguística de número, constatando mais uma vez que a homogeneidade e a cumulatividade não podem ser consideradas como critério para se estabelecer a distinção contável-massivo. Na seção 5, apresentamos a configuração semântica

dos nomes contáveis proposta por Rothstein (2007) que defende a existência de dois tipos de atomicidade uma semântica e outra formal. Átomos semânticos são átomos lexicalmente acessíveis, ao passo que os formais não. Para a autora, nomes contáveis resultam de um mecanismo de contagem gramatical que requer um domínio que especifique propriedades semânticas e não formais. Esse mecanismo é chamado de Átomo Medido, ou Átomo-M. Ele funciona operando sobre a denotação da raiz nominal selecionando um conjunto de **átomos semânticos**. Na seção 6, analisamos a noção de atomicidade natural, proposta por Rothstein (2007), propriedade de predicados com unidades individuais que é empregada tanto para nomes contáveis quanto para nomes massivos. Para a autora, a noção de atomicidade natural se sobrepõe às noções de atomicidade formal e semântica. Na seção 7, analisamos a proposta de Rothstein (2007) que defende que os classificadores do chinês são expressões lexicais da operação Átomo-M que tornam os nomes contáveis. Na seção 8, a análise dos dados do PB mostra que os nomes contáveis também resultam de uma operação gramatical de contagem. Entretanto, essa operação não é a operação Átomo-M proposta para o chinês e para o inglês por Rothstein (2007). No PB, diferentemente do que Rothstein (2007) propõe, marcação de número e classificação são operações distintas que não estão em distribuição complementar. A operação de classificação no PB é uma operação de atribuição de unidade de medida à raiz nominal e a operação de marcação de número é uma operação de atribuição de número singular ou plural às denotações classificadas. Como classificação, singular e plural são operações distintas, isso nos leva a crer que essas operações variam de língua para língua.

Assim, uma vez que os nomes no PB, assim como os do chinês, não fazem distinção gramatical entre contáveis e massivos, apresentando uma denotação

default indeterminada para número, e como os do inglês apresentam contraste singular e plural, a tese que defendemos é que para tornar seus nomes contáveis o PB apresenta sistema de classificação e marcação de número e que a representação desses sistemas de alguma forma é sensível ao fato dos nomes apresentarem ou não átomos naturais em suas extensões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigou-se a denotação dos nomes no que diz respeito à contabilidade nas línguas naturais, enfocando mais detalhadamente o PB. No capítulo 1, investigou-se a denotação dos nomes no PB frente à proposta de Borer (2005). Para a autora, interpretações contáveis são licenciadas estruturalmente, mas interpretações massivas não, e, nesse sentido, interpretações massivas são *default*. Borer (2005) defende que o plural, em línguas como o inglês, e os classificadores, em línguas como o chinês, são sintagmas de classificação que originam interpretações contáveis, cujo núcleo tem um valor aberto $\langle e \rangle_{div}$, onde DIV é um operador de divisão. A ausência desses sintagmas confere uma interpretação massiva aos nomes. A análise dos dados do PB mostrou, contra as previsões de Borer (2005), que mesmo a denotação *default* dos nomes no PB sendo indeterminada para número, ela pode ser massiva ou contável e que tais nomes já vêm com essa denotação marcada do léxico.

No capítulo 2, investigou-se a denotação dos nomes lexicalmente contáveis em estruturas não marcadas para contabilidade. Analisou-se o contraste entre o indefinido nome nu no PB e o indefinido singular. Nessa análise, como Rullmann e You (2003) defendem para o chinês, foram encontradas uma semelhança e três diferenças entre sentenças com indefinidos nomes nus e indefinidos singulares no PB, a saber:

- (i) sentenças com indefinidos singulares e indefinidos nomes nus apresentam as mesmas condições de verdade;
- (ii) indefinidos singulares introduzem referentes singulares ou plurais, enquanto que nomes nus introduzem referentes neutros para número;
- (iii) indefinidos singulares disparam implicatura escalar de número, enquanto que nomes nus não;
- (iv) indefinidos singulares são quantificadores existenciais que pegam escopo largo e estreito, enquanto que nomes nus pegam apenas escopo estreito.

Além disso, observou-se que o PB é uma língua que apresenta indefinido nome nu, morfologia de número e sistema de classificação numérico.

Para finalizar, no capítulo 3, analisou-se a semântica dos nomes contáveis segundo a proposta de Rothstein (2007). A autora defende que interpretações contáveis são licenciadas por um mecanismo de contabilidade gramatical. Segundo Rothstein (2007), o singular em línguas como o inglês e os classificadores em línguas como o chinês são operações gramaticais que licenciam interpretações contáveis. Como o PB é uma língua que possui número geral, sistema de classificação numérico e morfologia de número, defende-se a tese de que nessa língua o que licencia contabilidade são as operações de número e de classificação, cuja representação é sensível ao fato do nome ser lexicalmente contável ou massivo.

A análise dos dados do PB mostra que singularização, pluralização e classificação são operações que podem variar de língua para língua.

Este trabalho sugere, de forma geral, um estudo aprofundado sobre a função dos classificadores nas línguas naturais e, de forma específica, um estudo detalhado sobre a estrutura sintática de sintagmas marcados para contabilidade no PB, considerando, principalmente, a distinção lexical entre nomes contáveis e massivos.

REFERÊNCIAS

AVELAR, M. Classificadores e parâmetros semânticos: um estudo sobre o Yagua (Peba-Yágua). SIICUSP – Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo, 12., 2004, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2004.

BARNER, D.; SNEDEKER, J. Individuation in language: the origins of mass-count quantification. *Language Learning and Development*, 2005.

BERTUCCI, R. A.; LUNGUINHO, M. V.; PARAGUASSU-MARTINS, N. R. S. Bare plurals and achievements: a case study of aspectual verbs. *Journal of Portuguese Linguistics*, 2010.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.

BORER, H. *Structuring sense*. Part I: In name only. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BUNT, C. *Mass terms and model-theoretic semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CARLSON, G. *Reference to kinds in English*. 1977. Thesis (Ph.D.) – University of Massachusetts, Amherst, 1977.

CARSON, J. *The semantics of number in Malay noun phrases*. 2000. Thesis (MA) – University of Calgary, 2000.

CHENG, L.; SYBESMA, R. Bare and not-so-bare nouns and the structure of NP. *Linguistic Inquiry*, n. 30, p. 509-542, 1999.

CHIERCHIA, G. Plurality of mass nouns and the notion of 'semantic parameter'. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.). *Events and grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1998a. p. 53-103.

_____. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, n. 6, p. 339-405, 1998b.

_____. *Semântica*. Campinas: Editora Unicamp; Londrina: Eduel, 2003.

CHUNG, S. On reference to kinds in Indonesian. *Natural language semantics*, v. 8, n. 2, p. 157-171, 2000.

CRUSE, D. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

DOETJES, J. *Quantifiers and selection: on the distribution of quantifying expressions in French, Dutch and English*. 1997. Dissertation (PhD) – Leiden University, The Hague, 1997.

FARKAS, D.; SWART, H. de. *The semantics of incorporation*. Palo Alto, CA: CSLI Publications, Stanford University, 2003. Disponível em: <<http://people.ucsc.edu/~farkas/papers/seminc-0711.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2009.

GEURTS, B. The mechanisms of denial. *Language*, n. 74, p. 274-307, 1998.

GIL, D. Definiteness, noun phrase configurationality, and the count-mass distinction. In: REULAND, E.; MEULER, A. ter. *The representation of (in)definiteness*. Cambridge; London: The MIT Press, 1987. p. 255-269.

GILLON, B. Toward a common semantics for English count and mass nouns. *Linguistics and Philosophy*, n. 15, p. 597-640, 1992.

GLEASON, A. *Linguistics and English grammar*. New York: Henry Holt and Company, 1965.

GRICE, P. Logic and conversation. *William James Lectures*, Harvard University, 1967.

GRINEVALD, C.; SEIFART, F. Noun classes in African and Amazonian languages. Towards a comparison. *Linguistic Typology*, v. 8, n. 2, p. 243-285, 2004.

JESPERSEN, O. *The philosophy of grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1924.

JOOSTEN, F. Account of the count/mass distinction: a critical survey. *Ms., FWO Vlaanderen/ KU Leuven, Belgium*, 2002.

KANG, B. Plurality and other semantic aspects of common nouns in Korean. *Journal of East Asian Linguistics*, n. 3, p. 1-24, 1994.

KRIFKA, M. Nominal reference, temporal constitution and quantification in event semantics. In: BARTSCH, R.; BENTHAM, J. van; EMDE BOAS, P. van (Eds.). *Semantics and contextual expressions*. Dordrecht: Foris, 1989. p. 75-155. Disponível em: <<http://amor.cms.hu-berlin.de/~h2816i3x/Publications/Krifka%201989%20Nominal%20Reference.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2009.

_____. Common nouns: a contrastive analysis of Chinese and English. In: CARLSON, G.; PLETIER, F. (Eds.). *The generic book*. Chicago: University of Chicago Press, 1995. p. 398-411.

LASERSOHN, P. *Mass nouns and plurals*. 2008. Disponível em: <<http://semanticsarchive.net/Archive/DdkZDc0N/massandplural.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2009.

LAYCOCK, H. Mass nouns, count nouns and non-count nouns: philosophical aspect. In: BROWN, K. *Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2nd ed. Oxford: Elsevier, 2005. Disponível em: <<http://post.queensu.ca/~laycockh/Mass%20nouns%20%20Count%20nouns%20%20Non-count%20nouns.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

LINK, G. The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice-theoretical approach. In: BÄUERLE, R. et al. (Eds.). *Meaning, use and interpretation of language*. Berlin; New York: de Gruyter, 1983. p. 11-34.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MÜLLER, A. Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. In: WEERLE, A.; KIM, Ji-Young (Eds.). *The proceedings of the SULA: The Semantics of Under-Represented Languages in the Americas, UMOP*, n. 25, p. 72-80, 2001.

MÜLLER, A.; OLIVEIRA, F. Bare nominals and number in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Portugal, v. 3, n. 1, p. 9-36, 2004.

OLIVEIRA, R. *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ORTMANN, A. Where plural refuses to agree: feature unification and morphological economy. *Acta Linguistica Hungarica*, n. 47, p. 249-288, 2000.

PARAGUASSU, N. R. S. *A distinção contável-massivo no sistema nominal*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

PARAGUASSU-MARTINS, N. R. S.; MÜLLER, A. A distinção contável-massivo e a expressão de número no sistema nominal. *DELTA*, Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 23, p. 65-83, 2007.

PAYNE, J.; HUDDLESTON, R. Nouns and noun phrases. In: HUDDLESTON, R.; PULLUM, G. (Eds.). *The Cambridge grammar of the English language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 323-523.

PELLETIER, F. (Ed.). *Mass terms: some philosophical problems*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.

QUINE, O. *Word and object*. Cambridge: MIT, 1960.

ROTHSTEIN, S. *Counting and the mass count distinction*. [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em:
<<http://faculty.biu.ac.il/~rothss/Counting%20and%20the%20Mass%20Count%20Distinction%20june%202007.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

RULLMANN, H.; YOU, A. General number and the semantics and pragmatics of indefinite bare nouns in Mandarin Chinese. Calgary, Canada: University of Calgary, 2003. Disponível em:
<<http://semanticsarchive.net/Archive/jhIZTY3Y/Rullmann&You2003.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2009.

SANCHES, M. Numerical classifiers and plural marking: an implicational universal. *Working Papers on Language Universals*, n. 11, p. 3-22, 1973.

SCHMITT, C.; MUNN, A. Against the nominal mapping parameter: bare nouns in Brazilian Portuguese. In: HIROTANI, M. (Ed.). *Proceedings of NELS 29*. Amherst: University of Massachusetts, 1999. Disponível em: <<https://www.msu.edu/~amunn/psfiles/nels29.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

_____. The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese. *Linguistic Variation Yearbook*, v. 2, n. 1, p. 185-216, 2002.

SILVA, L. L. *A distinção entre os indefinidos 'um' e 'algum' no português brasileiro*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

T'SOU, B. Homophony and internal change in Chinese. *Computational Analyses of Asian and African Languages*, n. 3, p. 67-86, 1976.

UNDERHILL, R. *Turkish grammar*. Cambridge: MIT Press, 1979.

WHORF, B. (1941). The relation of habitual thought and behavior to language. In: CARROLL, J. (Ed.). *Language, thought and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge: MIT Press, 1956. p. 134-159, 1956. Disponível em: <http://www.utm.utoronto.ca/~jsidnell/Course_files/Whorf.Relation.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2009.

YANG, R. *Common nouns, classifiers, and quantification in Chinese*. 2001. Thesis (Ph.D.) – Rutgers University, New Jersey, 2001. Disponível em: <<http://ling.rutgers.edu/downloads/RYThesis.PDF>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

ZWICKY, A.; SADOCK, J. Ambiguity tests and how to fail them. In: KIMBALL, J. (Ed.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1975. p. 1-36. 4 v.